

RELATÓRIO 1 A

1ª SESSÃO: *O Retrato*

5º Ano

(Grupo A)

Torre, 9 de Novembro de 2009

Índice

	Pág.
RELATÓRIO DA DISCUSSÃO	3
Análise de relevância temática da discussão	3
Leitura do texto	3
Agenda da Discussão	3
Discussão	6
Técnica da cerâmica	7
Relevo	9
Primeiro a descobrir	10
Pintar	11
Retrato	12
Desenho	14
Memórias	16
Cartas de Amor	18
Análise de relevância da discussão por género (Crianças-participantes e Adultos)	21
1. Porque é que Butates colocou argila sobre o esboço?	22
2. Porque é que se deixa secar e depois vai ainda ao fogo?	24
3. Como é que ganhou relevo?	26
4. Primeiro a descobrir	28
5. Fica mais parecido se pintar?	30
6. Para que servem os retratos?	31
7. Porque é que se desenha?	34
8. O que fica na memória?	36
9. Cartas de Amor	38
Análise etnográfica do registo de vídeo	41
Retratos e análise de participação por indivíduo (Crianças-participantes e Adultos)	53
CONCLUSÕES FINAIS	57
REGISTO DE CONTROLO	62
Análise da obra e enquadramento no espaço	63
Avaliação da sessão	64
Entrada no campo	64
Discussão	65
Observação participante	66
Avaliação da construção de teorias enraizadas	67
Avaliação do processo de pesquisa	68

RELATÓRIO DA DISCUSSÃO

Os resultados apresentados no presente relatório referem-se a um grupo de 8 crianças-participantes (6 rapazes e 2 raparigas), com idades compreendidas entre os 10 e os 11 anos de idade e de 2 adultos: a professora (CONV2) e a investigadora (INV), que participaram na Sessão de Filosofia que teve lugar no dia 9 de Novembro de 2009, com a duração de 1 hora e 20 minutos, na habitual sala de aula da Cooperativa de Ensino A Torre, em Lisboa.

O grupo de crianças-participantes supracitado pertence à turma do 5º ano de escolaridade do ano lectivo 2009/2010 e é constituída por um total de 11 crianças (8 rapazes e 3 raparigas). Do grupo referenciado, à excepção de um rapaz e de uma rapariga, todas as crianças-participantes usufruíram de sessões regulares de Filosofia baseadas nos romances de Matthew Lipman desde os seus 5 anos de idade.

A Sessão de Filosofia, segundo o protocolo de Matthew Lipman assumido por esta investigação, organiza-se em 3 fases distintas: **Leitura do texto** e reflexão do mesmo; constituição da **Agenda da discussão** e **Discussão**.

Esta sessão baseou-se no seguinte texto:

“Ao utilizar também a terra, o ceramista Butades de Sycione foi o primeiro a descobrir a arte de modelar em argila; passava-se isto em Corinto, e ele deveu a sua invenção à sua filha que se tinha enamorado por um rapaz; como este ia partir para o estrangeiro, ela contornou com uma linha a sombra do seu rosto projectada na parede pela luz de uma lanterna; o seu pai aplicou argila sobre o esboço, e fez um relevo que pôs a endurecer ao fogo com o resto das suas cerâmicas, depois de o ter secado.”¹

Procedimentos

A natureza da discussão, fomentada pelo debate do referido texto entre 8 crianças-participantes e 2 adultos revelou, numa primeira fase, a necessidade de se compreender que conceitos surgiram nas suas argumentações, como se constituíram e perspectivaram.

¹ Gil, José. (2005). «*Sem Título*»: *Escritos sobre Arte e Artistas*. Lisboa: Relógio D'Água, (pág. 17)

ANÁLISE DE RELEVÂNCIA TEMÁTICA DA DISCUSSÃO

A ARTD resultou da análise dos conteúdos da **Agenda da Discussão** (2ª Fase da Sessão) e da **Discussão** (3ª Fase da Sessão), que teve como primeiro objectivo conceber uma visão conjunta dos temas lançados na discussão pelas crianças-participantes, ou seja, uma perspectiva *Grounded theory*.

Ainda no âmbito da ARTD dos dados recolhidos, considerou-se o seguinte sistema de categorização: registar a organização natural da própria discussão por fases alternadas ou distintas (Categorização processual); observar a pertinência de um conteúdo-base representativo de um tópico que evidencie uma ideia, conceito ou fenómeno que circunscreva ou auxilie a teoria constituída (Categorização estrutural); investigar e registar os elementos descritivos da(s) obra(s) e que tipos de relações estabelecem entre si (Categorização descritiva); investigar e registar como é que na percepção e experimentação da Obra se relacionam estes elementos descritivos, ou seja, como é que se estabelece o fenómeno revelador da experiência estética (Categorização por valorização).

Esta análise permitiu, ainda, compreender melhor a natureza do fenómeno em análise, bem como, dos parâmetros metodológicos inicialmente considerados. Esta postura possibilitou afinar os procedimentos do próprio projecto de investigação em relação à natureza da sua questão inicial.

Leitura do texto (1ª Fase)

A **Leitura do texto** teve a duração aproximada de 1 minuto e 7 segundos.

A fase da **Leitura do texto** começou com a INV que solicitou a livre leitura do texto em voz alta por uma das crianças-participantes. A resposta efusiva do IND 4 (Masculino), que colocou imediatamente o dedo no ar, por si só, seleccionou a escolha. Assim, a leitura do IND 4 (Masculino) foi calma, num tom elevado, mas pausado, tendo sido o nome *Butades de Sycione* lido com pronúncia inglesa.

Seguiu-se um pequeno período de leitura individual.

Agenda da discussão (2ª Fase)

Para a **Agenda de Discussão** foi registada com a duração aproximada de 1 minutos e 20 segundos.

Code: AGENDA DA DISCUSSÃO

Classificação: CATEGORIA PROCESSUAL (teorização activa)

A **Agenda da Discussão** descreve a 2ª fase da sessão e constituiu-se de 4 questões:

1. A razão pela qual ele pôs argila sobre o esboço dela foi por acaso? Foi por acaso que ele pôs? IND 6 (Masculino)
2. Foi de propósito? IND 5 (Masculino)
3. Ela passou com uma linha essa sombra, depois eles puseram argila, mas não percebi como é que ela ganhou forma? Como ganhou relevo? IND 8 (Masculino)

4. Porque é que se tem de deixar secar e depois pôr ainda ao fogo? IND 3 (Feminino)

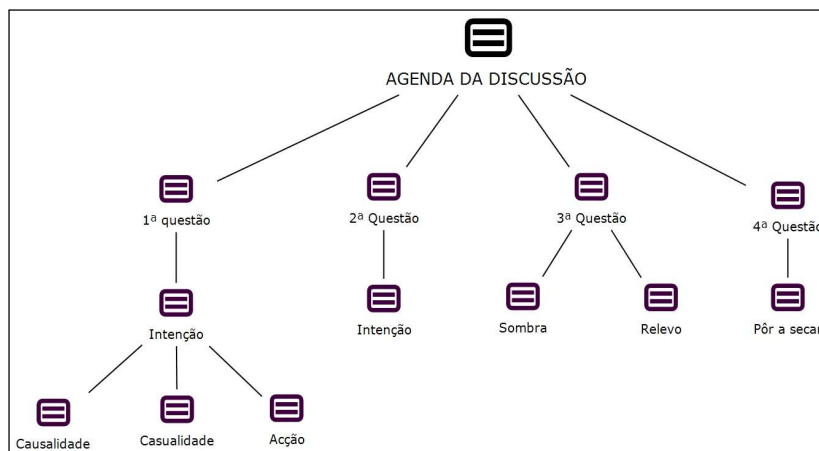


Fig. 2 - Agenda da Discussão (Diagrama)

A categoria **Agenda da Discussão** (Fig.1) constituiu-se apenas das questões colocadas pelas crianças-participantes referentes ao texto lido, sendo que estas reflectem preocupações referentes a uma possível **Intenção** do ceramista (1ª e 2ª Questão), à concretização da **Acção** (3ª Questão) e das necessidades inerentes à técnica da cerâmica (4ª Questão).

Este é o primeiro elemento a fornecer o possível grau de problematização a que as crianças-participantes chegam após a reflexão individual (**Leitura da Obra**) e anuncia uma provável direcção ou rumo que a discussão irá seguir.

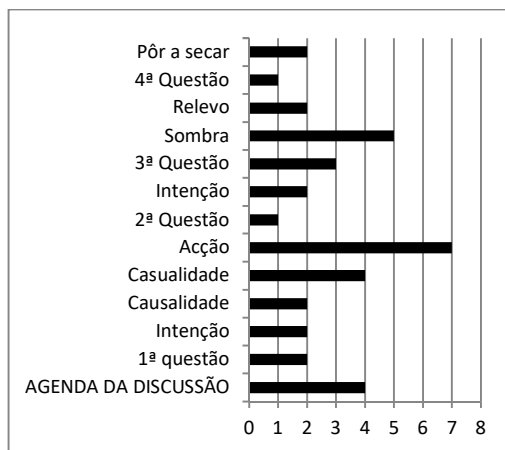


Fig. 3 - Agenda da Discussão (ARTD)

No que diz respeito à ARTD (Fig.2), constata-se que o texto, num primeiro momento, suscitou um maior interesse de problematização em torno da **Acção** (pôr argila) e da **Sombra** (passar a linha pela sombra).

Discussão (3ª Fase)

Registo da Discussão verificou uma duração aproximada de 56 minutos e 25 segundos.

Code: DISCUSSÃO

Classificação: CATEGORIA PROCESSUAL (teorização activa)

A 3ª fase da Sessão estabelece-se através da **Discussão** que na ARTD referenciou as seguintes subcategorias (Fig.3):

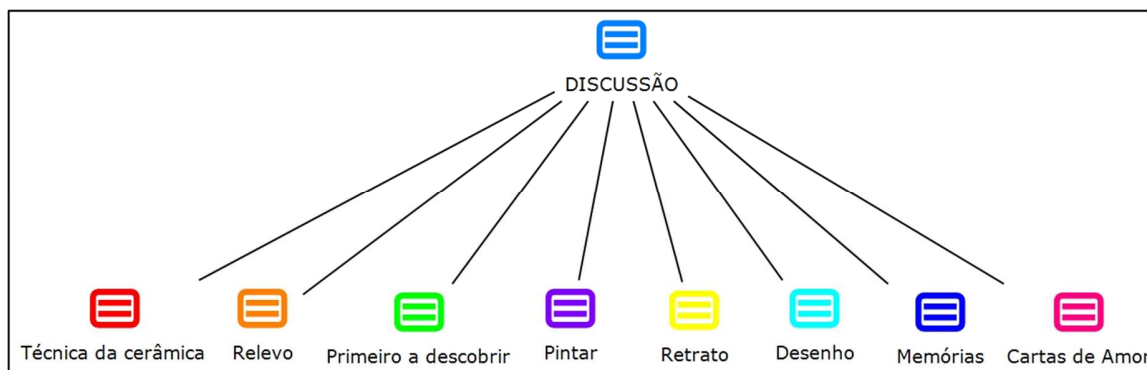


Fig. 4 - DISCUSSÃO
(Diagrama)

A categoria **Discussão** (Fig.3) constitui-se de subcategorias que identificam os principais tópicos da discussão e de como estes se estruturam, ou seja:

- **Técnica da cerâmica** surge por associação directa à 4ª questão da **Agenda de Discussão** e refere a necessidade de contextualizar o processo técnico da cerâmica enunciada no texto;
- **Relevo** refere o conceito que emerge por associação à expressão *dar forma*, mencionada na 3ª questão da **Agenda de Discussão**;
- **Primeiro a descobrir** associa a ideia de *novidade* e de *originalidade*, de como se processa enquanto fenómeno vivenciado nas relações quotidianas;
- **Pintar** remete-se à ideia de procurar uma imitação identificável com a realidade que pode também ser portadora de uma *mensagem*;
- **Retrato** é a ideia ou conceito que generaliza a temática principal do texto referenciado, relaciona-se com a imagem *modelada* (linha ou argila) que possibilita o *reconhecimento do rosto* com qual nos relacionamos emocionalmente e que apela às nossas memórias;
- **Desenho** surge com uma forte estrutura associada aos dados fornecidos pelo texto, à interpretação e contextualização dos mesmos. Tal como o *retrato*, o *desenho* referencia a *identificação* e uma *técnica* ou área de praticabilidade;
- **Memórias** surge por associação ao conceito de *retrato*, porém, especifica uma reflexão mais intimista e introspectiva que sugere a apreciação das propriedades que definem as próprias memórias. As crianças-participantes nas suas intervenções partilharam entre si memórias conjuntas e individuais com um enorme respeito e empatia;

- **Cartas de Amor** emerge do contexto associado às memórias partilhadas e à elaboração de um conceito de amor latente no relato enunciado pelo texto referenciado que, posteriormente, serviu de pretexto para observar o possível significado do poema de Álvaro de Campos².

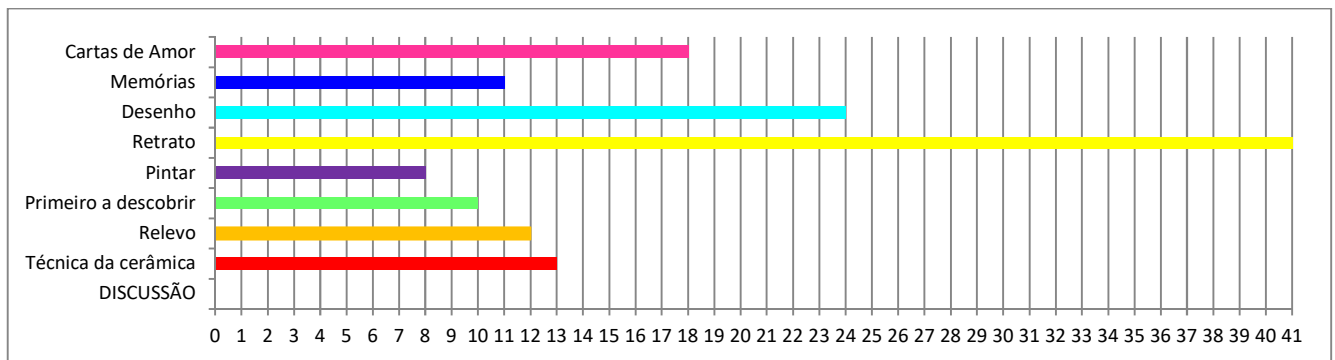


Fig. 5 – DISCUSSÃO (ARTD)

A ARTD da categoria **Discussão** (Fig.4) verifica que a subcategoria **Retrato** distingue-se, manifestamente, no que diz respeito ao seu grau de relevância face às restantes subcategorias. A categoria **Discussão**, uma vez que determina a 3ª Fase da Sessão, foi constituída de acordo com o seu carácter teórico pelo que não acusa qualquer relevância de natureza directa. As subcategorias que constituem o corpo da categoria **Discussão**, as suas estruturas internas e conceptualizações serão discriminadas individualmente.

Técnica da cerâmica

Code: DISCUSSÃO \ Técnica da cerâmica

Classificação: SUBCATEGORIA 1 - Categorização descritiva

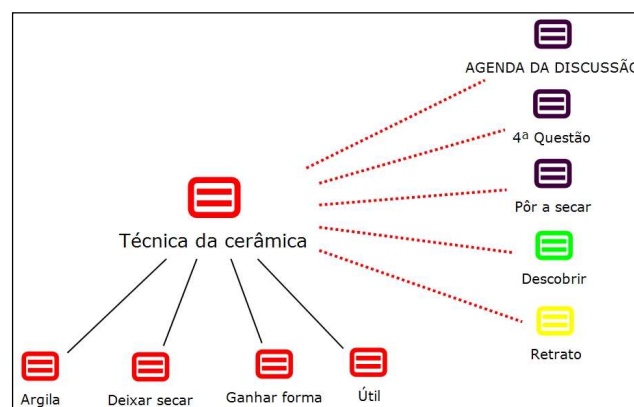


Fig. 6 - Técnica da cerâmica (Diagrama)

² Poema de Álvaro de Campos “*Todas as Cartas de Amor são Ridículas*”, heterónimo de Fernando Pessoa.

A subcategoria **Técnica da cerâmica** (Fig.5) iniciou a **Discussão** e apresenta uma estrutura linear simples. O termo que nomeia a subcategoria é introduzido pela INV durante a **Discussão** (3ª fase da sessão) para clarificar o que a IND 3 (Feminino) pretendia com a 4ª questão.

A ideia **Técnica da cerâmica** surgiu da necessidade de contextualizar a acção do fazer *Cerâmica*, tendo esta necessidade conduzido à ênfase da acção através da invenção de um novo termo *Ceramicar* Ex: “Exacto, ele fez exactamente a mesma coisa que fez com a cerâmica, com a argila. Então ele deve ter pensado, então isto aqui com cerâmica deve ficar melhor, deve dar para matar mais saudades. Então, ele deve ter pensado fazer isso por aquilo ficar melhor. Depois aí ele descobriu que a cerâmica... ceramicar com argila.” IND 6 (Masculino).

Assim, as crianças-participantes procuraram esclarecer as especificações materiais da **Argila**, a sua proveniência de uma terra limpa, a necessidade de **Deixar secar** para ir ao forno como processo essencial para poder **Ganhar forma** e, assim, tornar-se **Útil**, no sentido em que *fica melhor* como objecto utilitário do quotidiano ou, no caso do retrato, "deve dar para matar mais saudades." IND 6 (Masculino).

Quanto às intersecções externas assinaladas, verifica-se uma forte ligação à categoria **Agenda da Discussão** e às subcategorias **Primeiro a descobrir (Descobrir)** e **Retrato**.

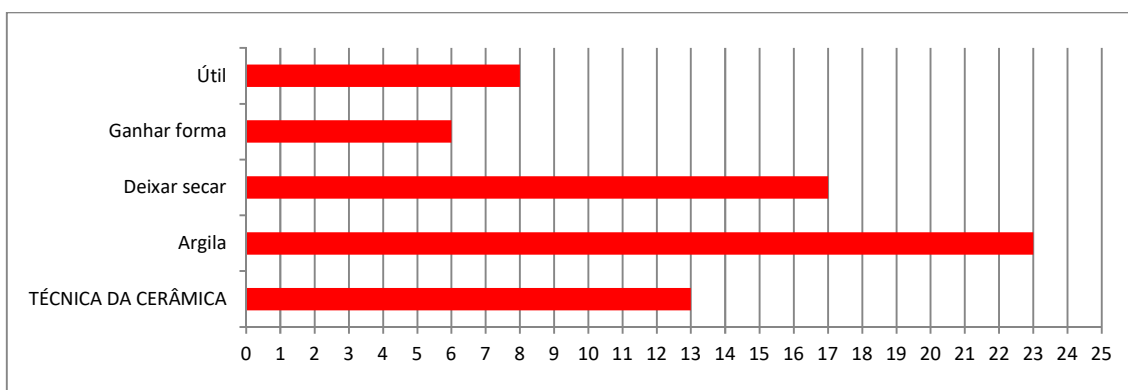


Fig. 7 - Técnica da cerâmica (ARTD)

No que diz respeito à ARTD da subcategoria **Técnica da cerâmica** (Fig.6) verifica-se, para a generalidade da amostra referenciada, um interesse considerável. Assim, a própria subcategoria **Técnica da cerâmica** apresenta um grau de relevância médio que por sua vez se estende às subcategorias:

- **Argila** com uma incidência de relevância elevada;
- **Deixar secar** que resulta directamente da questão levantada por IND3 (Feminina), com um grau de relevância alto;
- **Ganhar forma** que apresenta um grau de relevância baixo;
- **Útil** com um grau de relevância médio-baixo.

Relevo

Code: DISCUSSÃO \ Relevo

Classificação: SUBCATEGORIA 1 - Categorização descritiva

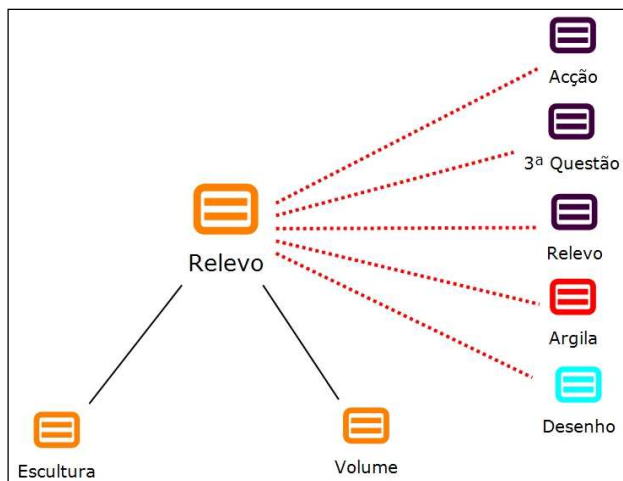


Fig. 8 - Relevo (Diagrama)

A subcategoria **Relevo** (Fig.7) é um termo generalizado por associação ao termo "deu forma" da 3ª questão da Agenda da **Discussão**. Este termo associa as reflexões sobre os fenómenos sinalizados como a *argila ganhar forma* ou *ganhar relevo*, a que as crianças-participantes referiram como 3D.

A questão do **Relevo** também proporcionou a estruturação de ideia de tridimensionalidade aprofundada e afinada na construção do conceito de **Volume** (com a utilização da codificação simultânea para alguns termos), em que se menciona o facto de Butates, ao ter moldado a argila, deu volume e profundidade ao desenho para criar uma **Escultura** Ex: “Deu volume ao desenho e criou uma escultura.” IND 3 (Feminino).

No que diz respeito às intersecções externas assinaladas (Fig.7), verificam-se várias ligações às questões da **Agenda da Discussão**, à subcategoria **Técnica da cerâmica (Argila)** e à subcategoria **Desenho**.

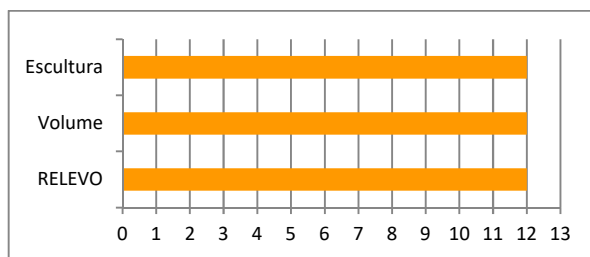


Fig. 9 - Relevo (ARTD)

No que diz respeito à ARTD da subcategoria **Relevo** (Fig.8), verificaram-se graus de valorização semelhantes entre as várias subcategorias que a constituem.

Primeiro a descobrir

Code: DISCUSSÃO \ Primeiro a descobrir

Classificação: SUBCATEGORIA 1 - Categorização descritiva e Categorização estrutural

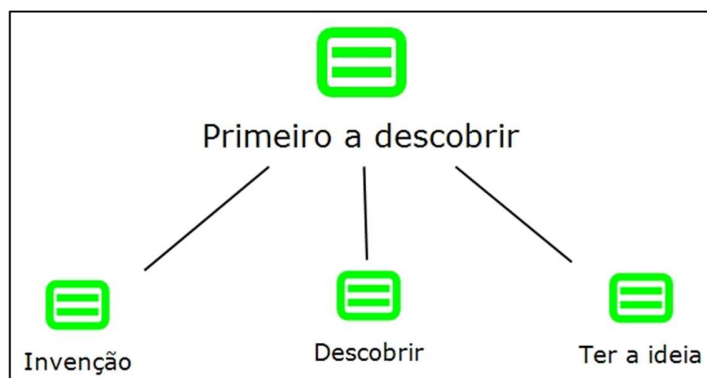


Fig. 10 - Primeiro a descobrir
(Diagrama)

A subcategoria **Primeiro a descobrir** (Fig.9) surge, inicialmente, da interpretação directa da informação facultada pelo texto. Posteriormente, a sua estruturação apoia-se em narrativas de cariz hipotético que organizam a ideia do **Primeiro a descobrir**.

Primeiro a descobrir associa-se à ideia da *primeira vez* em que se experimenta algo com direitos a aclamação pessoal Ex: “ (...) tu tinhas a ideia de ir explorar um vulcão mas, eu estava do outro lado do mundo e decidia: – Olha, vou ao vulcão! Ia lá primeiro do que tu, e aclamava uma primeira a explorar aquele vulcão, na mesma fui eu a primeira. Tu tiveste a ideia mas eu é que fui.” IND 7 (Feminino), e estende-se à ideia de **Invenção** fundada num determinado fenómeno que revela o potencial de vir a ganhar outros contornos ou aplicabilidades Ex: "Já tinham utilizado mas nunca tinham descoberto bem para o que é que servia." (IND 8 Masculino). Assim, **Descobrir** é algo que provém do facto de se ser o *primeiro a experimentar* mas, para isso, é necessário *explorar*, **Ter a ideia** e decidir concretizá-la, correndo o risco de esta vir a *ser roubada* caso não haja *planos* que possam *provar* a sua proveniência (mesmo que eventualmente *possa falhar*), de que cujo autor deve *ter a certeza*, deve *saber como funciona*, deve saber *demonstrar* Ex: “Eu acho que se uma pessoa tiver uma ideia, tiver todos planos, se souber que aquilo funciona, tiver a certeza, se mostrar os planos, tu um dia mais tarde mostrares isso feito, eu acho que quem teve a ideia não foste tu, foi o outro. O outro é que tem todos os planos, tem tudo como se faz, simplesmente fizeste, tu só mostraste feito, ele não, mostrou os planos. Claro que o plano pode falhar, mas...” IND 8 (Masculino).

A subcategoria **Primeiro a descobrir** (Fig.9) não apresenta intersecções externas ou internas.

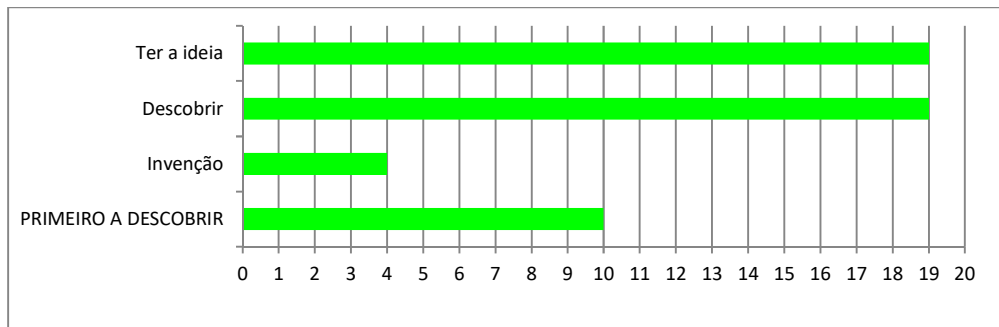


Fig. 11 - Primeiro a descobrir (ARTD)

A ARTD da subcategoria **Primeiro a descobrir** (Fig.10) revelou um grau de relevância médio que, por sua vez, se estende à subcategoria **Invenção** com um grau de relevância baixo e, ainda, às subcategorias **Ter a ideia** e **Descobrir**, ambas com uma relevância elevada.

Pintar

Code: DISCUSSÃO \ Pintar

Classificação: SUBCATEGORIA 1 - Categorização descritiva e Categorização por valorização

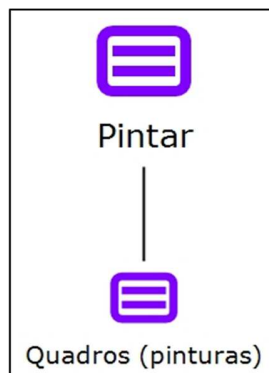


Fig. 12 - Pintar (Diagrama)

A subcategoria **Pintar** (Fig.11) apresenta uma estrutura simplificada, contudo, facultou a associação de uma possível relação de semelhança do original com a sua própria imagem de modo a facilitar a identificação Ex: "Podemos pintar para ficar mais parecido com a pessoa." IND 8 (Masculino). Todavia, nem sempre **Pintar** serve como imitação da realidade, tal como se verifica nos **Quadros (pinturas)** dos *museus* que podem *trazer mensagens* de outros acontecimentos e cujas legendas (elas mesmas mensagens) podem elucidar o observador sobre a possível *mensagem* ocultada nas Obras Ex: "Os quadros muitas vezes trazem mensagens e pinturas de um acontecimento... traz mensagem, também pode trazer qualquer coisa. Nos museus, eu estou a ver um quadro e depois dizem lá em baixo, a mensagem do quadro diz que não sei quê não sei que mais. Os quadros também podem trazer mensagem, podem trazer muita coisa à pessoa (...)." IND 3 (Feminino).

A subcategoria **Pintar** (Fig.11) não apresenta intersecções externas ou internas.

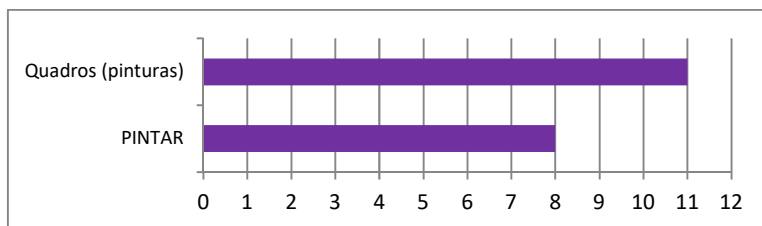


Fig. 13 - Pintar (ARTD)

A ARTD da subcategoria **Pintar** (Fig.12) apresenta graus de relevância muito próximos, sendo que a sua subcategoria **Quadros (pinturas)** apresenta um melhor préstimo na construção de sentidos.

Retrato

Code: DISCUSSÃO \ Retrato

Classificação: SUBCATEGORIA 1 - Categorização descritiva e Categorização por valorização

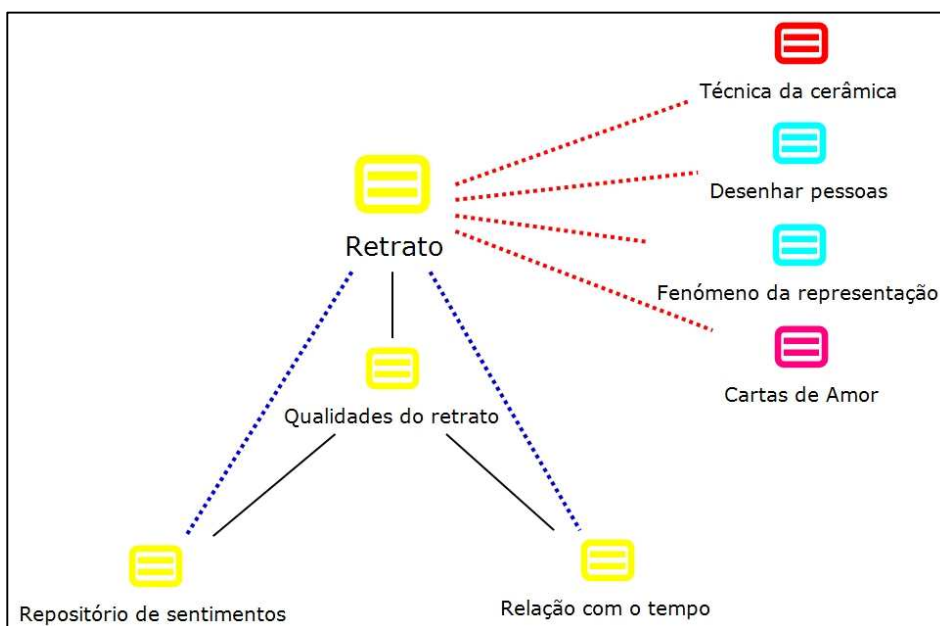


Fig. 14 - Retrato (Diagrama)

A subcategoria **Retrato** (Fig.13) constituiu-se massivamente dos dados referentes ao episódio enunciado no texto, porém, posteriormente, destacou-se dos mesmos e converteu-se no propósito de narrativas mais emotivas.

As crianças-participantes revelaram, então, que o **Retrato** é uma imagem que tanto pode ser uma linha de perfil desenhada como a sua modelação em argila, pode ser identificável ou não Ex: "Aquela arte de fazer retrato abstracto." IND 8 (Masculino), pode ser desenhado, pintado, esculpido, fotografado, dando-se-lhe o formato de uma

cara que mantém uma determinada presença que acede aos nossos sentimentos ou, às nossas memórias Ex: “Ela [pode] lembrar-se da pessoa, das feições, o tempo que teve com ela, o que gostaram um do outro.” IND 8 (Masculino).

Assim, definem-se as **Qualidades do retrato** que passam pelo *reconhecimento do rosto* (identificação) como modo de aceder ao *conhecimento* de que não tivemos acesso ou do qual não nos lembramos Ex: “Não nos lembramos o tempo inteiro... e depois os retratos também servem para nos lembrarmos... da cara de nós próprios ou de como eram essas pessoas, de como era, do como era antes.” IND 3 (Feminino).

Estas *qualidades* assumem-se enquanto **Repositório de sentimentos** para o coração, que sustenta a memória fazendo presente os que se encontram ausentes, aproximando-os ou mantendo os sentimentos despertos e, ainda, ao suavizar saudades Ex: “Ela fica sozinha, tinha saudades do namorado, então tinha ali aquele quadro, sentia-se mais à vontade.” IND 3 (Feminino); na sua **Relação com o tempo** ao resgatar da distância da morte a intemporalidade dos sentimentos. Ex: "Retratos perduram durante toda a vida." IND 6 (Masculino).

A subcategoria **Retrato** (Fig.13) apresenta intersecções internas e ainda externas associadas à subcategoria **Técnica da cerâmica**, à subcategoria **Desenho** e à subcategoria **Cartas de Amor**.

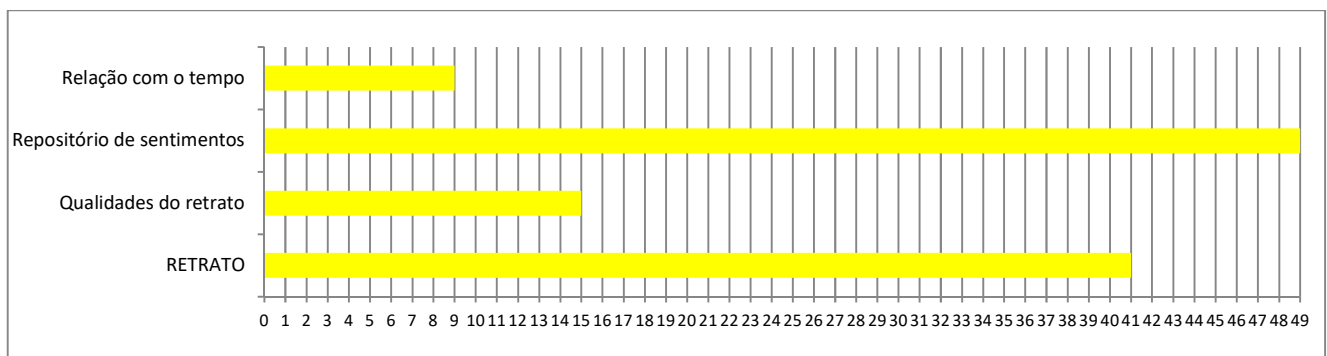


Fig. 14 - Retrato (ARTD)

A ARTD da subcategoria **Retrato** (Fig.14) revela como os conteúdos muito associados aos dados fornecidos pelo texto foram, efectivamente, integrados na discussão através de argumentações de *estruturação narrativa* referente a experiências pessoais.

Assim, a subcategoria **Repositório de sentimentos** apresenta um grau de relevância muito elevado seguida de muito próximo pela subcategoria que inaugura esta temática **Retrato**. As subcategorias **Qualidades do retrato** e **Relação com o tempo** revelam graus de relevância, comparativamente às anteriores, muito baixos.

Desenho

Code: DISCUSSÃO \ Desenho

Classificação: SUBCATEGORIA 1 - Categorização descritiva e Categorização por valorização

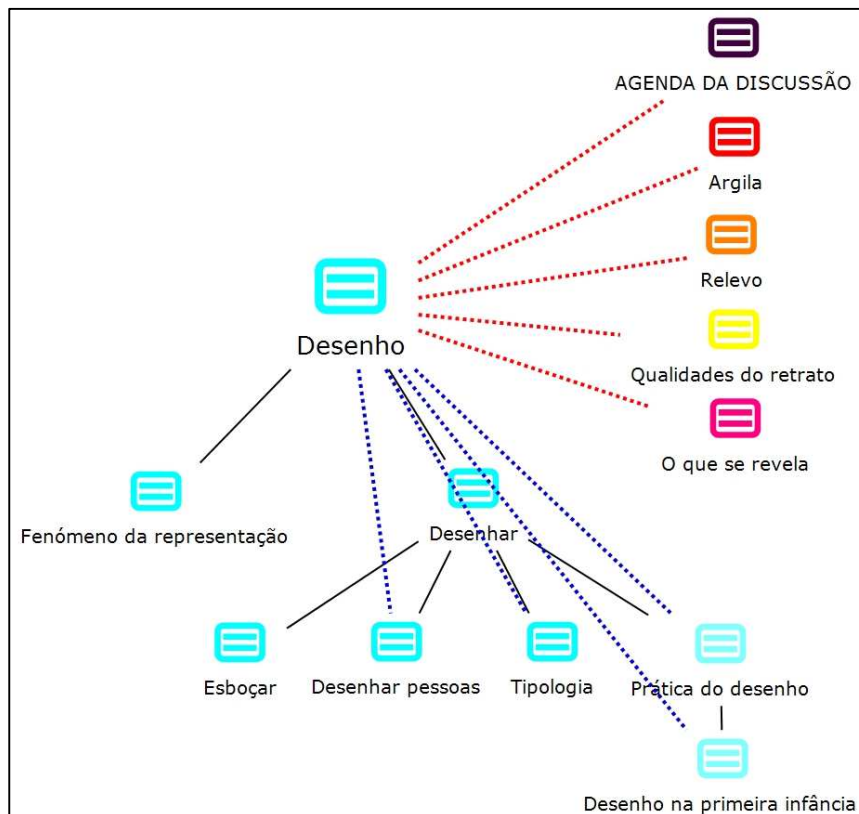


Fig. 15 - Desenho
(Diagrama)

De todas as subcategorias referenciadas a subcategoria **Desenho** (Fig. 15) é a que apresenta a estrutura mais complexa. Tal como a subcategoria **Retrato**, constituiu-se inicialmente da análise directa dos dados do texto Ex: “A sombra estava lá... o que ela desenhou, foi o contorno da sombra.” IND 6 (Masculino), o que fez com que, num primeiro instante, as crianças-participantes se preocupassem com questões relacionadas com o **Fenómeno da representação** caracterizado pela relação da *luz* com o *contorno da sombra* Ex: “Mas a sombra representa ele.” IND 6 (Masculino) e da própria acção de **Desenhar**.

Assim, **Desenhar** definiu-se em torno da sua relação directa com preocupações suscitadas pelo texto enquanto *contorno*, *risco*, *traço* ou *esboço* (*mais rápido* e sem *pormenores*) e na estruturação da ideia de **Desenhar pessoas**, das suas *expressões faciais* e identificação, pelo que, o *perfil*, para além de garantir uma melhor *identificação*, também é *mais fácil de desenhar* do que *de frente*, *mais difícil de desenhar* porque exige *mais pormenor* Ex: “Se eu puser de lado, vê-se o nariz, vê-se mais ou menos as aparências. Se eu puser de frente fica mais ou menos igual a todas as outras.” IND 3 (Feminino). Neste enquadramento, os *artistas* são referidos como aqueles que *primeiro*

fazem um **Esboço** e depois desenhavam os pormenores. Também houve uma breve preocupação em estabelecer algumas **Tipologias** como: desenhar *à vista*, desenho *abstracto* ou *caricaturas*.

Contudo, foi ao reflectirem sobre a sua própria **Prática do desenho** que as crianças-participantes revelaram o grau de sensibilidade crítica que têm de si mesmas. Assim, o desenho depende da sua própria *fase de crescimento* de como *evolui o seu olhar*, da sua capacidade de *visão das coisas* e da sua capacidade de *comparar, apreciar*, ou seja, a evolução do seu olhar tem uma correspondência directa com a evolução do seu desenho e a sua capacidade crítica de apreciar. Ex: “Mas também há uma coisa que se chama a visão, a visão das coisas. Se nós quando éramos pequenos podíamos achar que um boneco estava muito bem desenhado... uma pessoa é um bocadinho totó se fizer assim para o resto da vida (tapa os olhos com a mão direita) se nós não evoluímos do ponto de vista da visão (...) se nós olhássemos para os desenhos (...) já sabemos apreciar (...) uma pessoa mesmo que não continue a desenhar sabe ver melhor... sabe comparar melhor.” IND 3 (Feminino); por outro lado, quem não treina não consegue desenvolver o seu próprio desenho. Ex: “Uma pessoa qualquer está assim a desenhar, depois diz: - Ah já não me apetece desenhar, está muito mal feito! Passados não sei quantos anos não vai melhorar, vai ficar na mesma! (...) Não treinou, não esteve a desenvolver!” IND 1 (Masculino).

A **Prática do desenho** conduziu à concepção do **Desenho na primeira infância** que é praticado na escola (Cooperativa de Ensino a Torre) de maneira diferente daquele que é praticado nas outras escolas, é um *desenho com outro significado*. Ex: “Não... as outras escolas não faziam isto, desenhar e dizer... ter ideias.” IND 1 (Masculino). Os desenhos que estas crianças-participantes faziam na pré-primária e primária, segundo as mesmas, foram comparados aos hieróglifos, pois, tratava-se de *desenhos com mensagens* (associados a narrativas pessoais), *explícitos* e que funcionavam como uma *forma de escrita (substituíam a escrita)*, eram *desenhos com nome, muito importantes para eles* mesmos e para a dinâmica de grupo pois constituíam o seu *Jornal de parede*. Ex: “Mas eu acho que não era assim que nós fazíamos, porque para além de não sabermos escrever também não sabíamos desenhar. Então, o que eu normalmente via as pessoas a fazer não era isso. O que eu via as pessoas a fazer, era em vez disso, por exemplo: eu queria dizer o [IND 8] empurrou-me, eu não fazia o “[IND 8] empurrou-me”, fazia assim... representava o [IND 8], depois quando se viam aqueles desenhos eu dizia: Fui eu, fui eu! E depois contavas a história.” IND 6 (Masculino).

A subcategoria **Desenho** (Fig.15) apresenta intersecções internas e ainda externas associadas à categoria **Agenda da Discussão**, à subcategoria **Técnica da cerâmica**, à subcategoria **Relevo**, à subcategoria **Retrato** e à subcategoria **Cartas de Amor**.

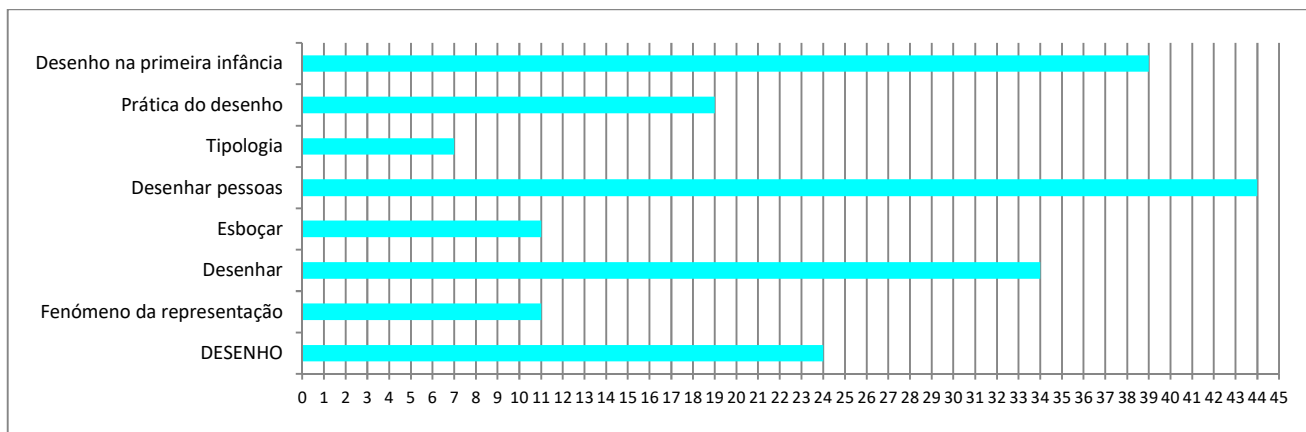


Fig. 16 - Desenho (ARTD)

A ARTD da subcategoria **Desenho** (Fig.16) revela um grau de relevância médio em comparação com a sua subcategoria **Desenhar pessoas** que apresenta um grau de relevância muito elevado. A subcategoria **Desenho na primeira infância** revelou um interesse e um relevo elevado, seguido de muito próximo pela subcategoria **Desenhar**. As restantes subcategorias apresentam relevâncias médias ou baixas.

A ARTD revela a subcategoria **Desenho** e a sua estrutura complexa de conceitos teorizados como a que mais impacto teve na discussão.

Memórias

Code: DISCUSSÃO \ Memórias

Classificação: SUBCATEGORIA 1 - Categorização descritiva e Categorização estrutural

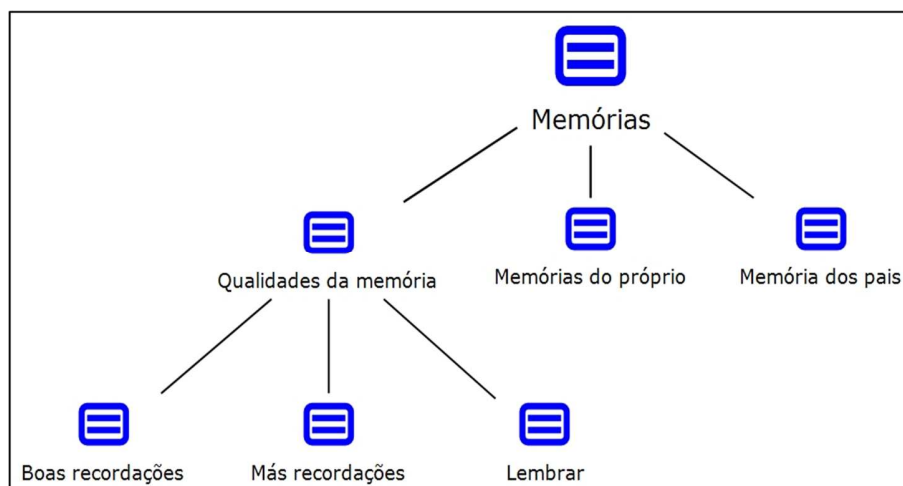


Fig. 17 - Memórias (Diagrama)

A subcategoria **Memórias** (Fig. 17) surge no contexto do **Retrato** Ex: “Os retratos também servem para nos lembrarmos. Por exemplo: esta sou eu em bebé e eu não me lembro quando eu era bebé se não visse o retrato. Os

meus pais lembram-se porque já têm vários anos... e como eu não me lembro quando era bebê, como todos vocês.” IND 3 (Feminino), contudo, e de imediato, as crianças-participantes concentraram a discussão em torno da ideia de **Memória** Ex: “Eu tenho memórias de quando era pequeno mas memórias vagas, de coisas que acontecem e que perduram para a vida.” IND 6 (Masculino). Assim, o conceito de **Memória** estendeu-se às **Qualidades da Memória** enquanto *útil* para nos apoiar na *constituição de saber* (e isso, traz-nos *satisfação*) e porque nos permite *não esquecer*. Assim, as memórias que podem ocorrer de **Boas recordações** associadas à infância ou, na sua ausência de consciência, temos dificuldade em lembrar mas, por nos trazerem *satisfação*, é *onde queremos estar* Ex: “Há memórias que nós sabemos que são boas, que nos lembramos, coisas que aconteceram, que foram boas, mas que para relembrarmos pode ser mau porque gostávamos de as viver outra vez, ou gostávamos de nos lembrar melhor de como é que foi. Por exemplo quando nos dizem, sabemos que é bom sabermos, gostamos saber mais da nossa vida e como é que foi quando éramos pequenos mas depois gostávamos saber como era e como é que foi, gostávamos de estar lá outra vez para saber como foi, como é que nós nos sentimos.” IND 4 (Masculino). As *memórias* podem ocorrer, igualmente, de **Más recordações** que são *valorizadas por* nos *marcarem*, assim, estas *recordações* também foram associadas à *morte* Ex: “Eu acho que a razão pela qual nós nos lembramos das coisas más é porque se não houvessem coisas más nós não dávamos valor às coisas boas. E acho que é por isso que as coisas más nos marcam. Se fossem todas boas...” IND 6 (Masculino). Por último, ainda associado às **Qualidades da Memória**, as crianças-participantes abordaram o conceito de **Lembrar** como uma função associada aos *sentimentos*, à possibilidade da memória destes *permanecer*, de associando-se à *imaginação* permitirem *recriar* ou reviver *acontecimentos do passado*, de permitirem *identificar* as *nossas feições* de bebês Ex: “Há memórias que nós sabemos que são boas, que nos lembramos, coisas que aconteceram, que foram boas, mas que para relembrarmos pode ser mau porque gostávamos de as viver outra vez, ou gostávamos de nos lembrar melhor de como é que foi. Por exemplo quando nos dizem, sabemos que é bom sabermos, gostamos saber mais da nossa vida e como é que foi quando éramos pequenos mas depois gostávamos saber como era e como é que foi, gostávamos de estar lá outra vez para saber como foi, como é que nós nos sentimos.” IND 4 (Masculino).

Surgiram ainda algumas referências às **Memórias do próprio** muito marcadas pela *ausência de memória em idade precoce*, à *escola* e às *recordações que ficaram para a vida* Ex: “Eu acho que qualquer memória que quando uma pessoa é mais nova não pode ser má, porque é uma memória de quando tu és pequena, uma memória de uma coisa, que tu tiveste, que tu te lembras, por isso não pode ser má. (...) Eu acho que para o momento em que éramos pequenos e se já tivéssemos essa consciência teria sido uma coisa má. Mas, depois de nós nos lembrarmos do que se passou e se nós virmos bem, é raro nós conseguirmos lembrarmo-nos de uma série de coisas. Por isso, eu acho, que lembrarmo-nos de uma coisa dessas é bom, é sempre bom.” IND 6 (Masculino) e às **Memórias dos pais** que se lembram devido à sua *idade avançada*.

A subcategoria **Memórias** (Fig.17) não apresenta intersecções internas ou externas.

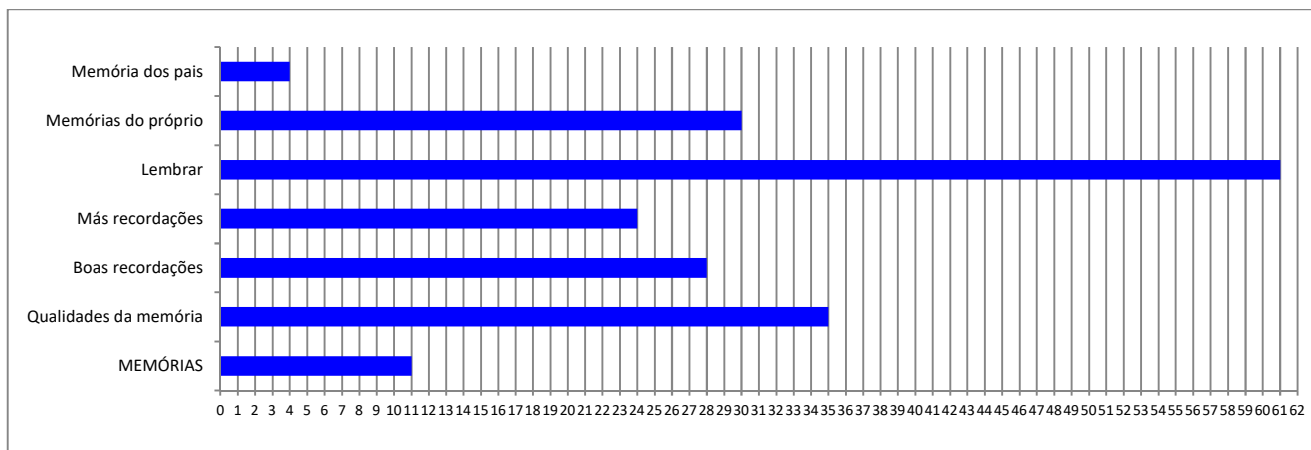


Fig. 18 - Memória (ARTD)

A ARTD da subcategoria **Memórias** (Fig.18) revela um grau de relevância muito baixo, contudo a sua subcategoria **Lembrar** apresenta o maior grau de relevância comparativamente a todas as subcategorias desenvolvidas na **Discussão**, o que obriga a observar, que os conteúdos constituintes da mesma ofereceram à discussão um potencial conceptual valioso e estrutural à construção das argumentações, ou seja, a possibilidade de os participantes terem estruturado as suas argumentações com base na potencialização das suas narrativas muito associadas ao processamento das suas próprias recordações.

As restantes subcategorias, neste panorama específico, apresentam graus de relevância médios à exceção da subcategoria de origem **Memórias** com uma relevância muito baixa e à subcategoria **Memória dos pais** de relevância muito escassa.

Cartas de Amor

Code: DISCUSSÃO \ Cartas de Amor

Classificação: SUBCATEGORIA 1 - Categorização estrutural

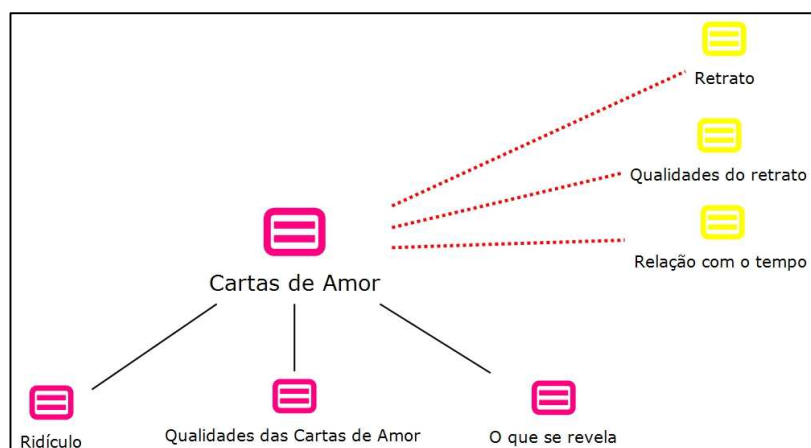


Fig. 19 - Cartas de Amor (Diagrama)

A subcategoria **Cartas de Amor** (Fig.19), que apresenta uma estrutura simples, surge no seguimento das intervenções em torno das memórias revividas e, neste caso, foi referida uma peça de Teatro a que as crianças-participantes assistiram sobre Fernando Pessoa Ex: “Um exemplo muito bom que tivemos disso foi quando fomos ao teatro da Trindade e o Fernando Pessoa nos disse que quando nós escrevemos cartas de amor e voltamos a vê-las passados vários anos, são ridículas, mas se pensarmos bem, se nós nunca tivéssemos escrito aquilo...” IND 7 (Feminino). Esta subcategoria enquadra-se dentro do mesmo fenómeno assinalado para a categoria **Memórias** por estar completamente isenta de entradas relacionadas com os dados fornecidos pelo texto e basear a fundamentação das argumentações em narrativas de natureza diversificada (pessoais, reais ou virtuais). Assim, **Cartas de Amor** constituiu-se, naturalmente, da necessidade de estabelecer o que é afinal este **Ridículo**, ou seja, compreender a dimensão do ridículo amoroso Ex: “Porque quem manda cartas de amor não é ridículo mas as cartas de amor são ridículas. Porquê? Porque quem as manda sente amor por essa pessoa mas tu vais explicar o amor de uma maneira tão ridícula como uma carta de amor.” IND 6 (Masculino). As crianças-participantes deslocaram-se por completo da narrativa apresentada inicialmente, contudo, ao mencionarem o poema e ao quererem estruturar as suas argumentações, mesmo na ausência do referido poema, a sua análise passa por destrinçar os conteúdos do mesmo (tal como fizeram com o texto de Butates).

Numa fase posterior, quando se retoma a discussão do *desenho na primeira infância*, por associação ao ridículo das cartas, também estes desenhos, apesar de serem considerados muito importantes na altura, foram posteriormente considerados ridículos. Foram, igualmente, estabelecidas as **Qualidades das Cartas de Amor** que servem de *protecção* na medida em que evitam uma exposição directa e permitem uma *distância física* segura, permitem *fazer mais segredo* quando são anónimas e, neste caso, obriga-nos a *imaginar* quem terá escrito a carta, como a carta *não tem voz* é como se a outra pessoa lê-se a carta, *se assim o quisermos a carta permanece*, permanece a *presença do outro* e um tempo de leitura porque a podemos sempre reler Ex: “Eu acho que as cartas de amor servem para tu te expressares mas, tu não queres expressar cara a cara, por um lado, é o que estavam a dizer, quando tu te expressas cara a cara podes começar a ficares tímido. Começas a pensar: - É pá, se eu disser isto se calhar vou fazer um bocado de má figura porque as pessoas podem depois saber e por isso mais vale se calhar mandar uma carta de amor, fazer mais segredos.” IND 6 (Masculino). Esta última questão, a possibilidade de guardar e reler uma carta de amor, foi igualmente vinculada com alguma persistência à relação causa/efeito das nossas decisões, ou seja, como escrever ou não escrever determinada carta de amor pode definir o futuro de quem a escreve e de quem a recebe. Neste contexto, foi analogamente revelado algum interesse em estabelecer **O que se revela** numa carta de amor, pelo que, uma carta de amor revela o nosso ser, os nossos sentimentos, o que se considera certo mesmo que possa parecer ridículo ou que cause embaraço Ex: “O nosso ser, mas em vez de ser um desenho é uma escrita, uma mensagem” IND 1 (Masculino).

A subcategoria **Cartas de Amor** (Fig.19) apresenta intersecções externas associadas à subcategoria **Retrato**.

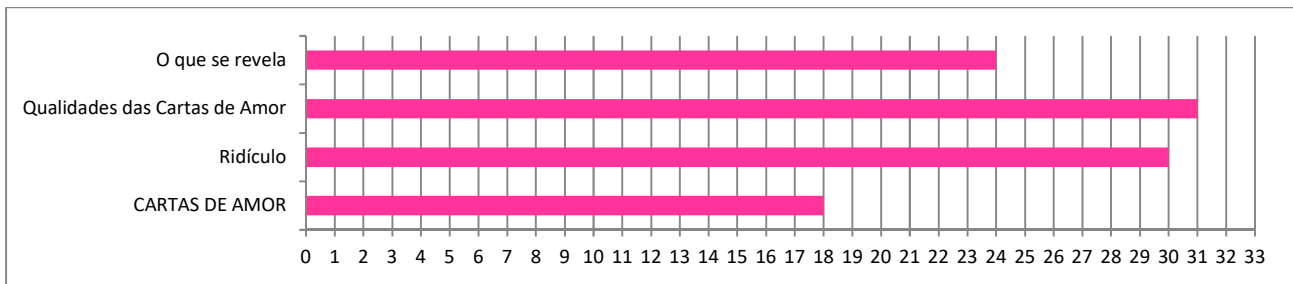


Fig. 20 - Cartas de Amor (ARTD)

A ARTD da subcategoria **Cartas de Amor** (Fig.20) revela um grau de relevância médio. As suas subcategorias **Ridículo** e **Qualidades das Cartas de Amor** apresentam uma maior relevância, e a subcategoria **O que se revela** apresenta uma relevância muito próxima destas últimas.

Esta proximidade de relevância observa um discurso coeso e fortemente integrador das variantes que compõe este conceito.

ANÁLISE DE RELEVÂNCIA DA DISCUSSÃO POR GÊNERO (Crianças-participantes e Adultos)

A ARDG exigiu um tipo de análise mais fechada. Apesar da **Discussão** se iniciar a partir das questões que formam a **Agenda da Discussão**, as incidências temáticas reveladas pela discussão acusam que nem sempre o interesse argumentativo das crianças-participantes se foca nessas mesmas questões, mais, esse interesse revela um determinado pendor teórico que induz, necessariamente, a um determinado foco de moderação. Assim, no decorrer da discussão, o nível de interesse revelado pelo próprio discurso das crianças-participantes e a relação deste com os facilitadores, obriga a que se considere esta situação. A ARDG (Crianças-participantes) aprecia os temas constituídos pelas crianças-participantes e pela moderação efectuada de um modo transversal ao tempo e espaço discursivo das mesmas, pelo que, nesta segunda análise, exige-se que o carácter da leitura dos dados se altere face à ARTD anterior, ou seja, para cada área temática revelada durante a discussão será formulada uma questão alargada que circunscreva a totalidade temática. A seleção de dados deverão circunscrever-se à questão formulada e observam apenas intervenções de referência de todos os participantes com referência ao género que afigura. Os dados considerados para a ARDG (Adultos) foram tratados dentro dos mesmos parâmetros referidos para a ARDG (Crianças-participantes), ou seja, foram consideradas as mesmas questões, sendo que, para esta Sessão, os adultos considerados foram a professora (CONV2) e a investigadora (INV). Esta análise, tal como havia sido anteriormente referido, permitiu ainda que se constituísse o RAPI (Crianças-participantes e Adultos) de cada um dos indivíduos considerados.

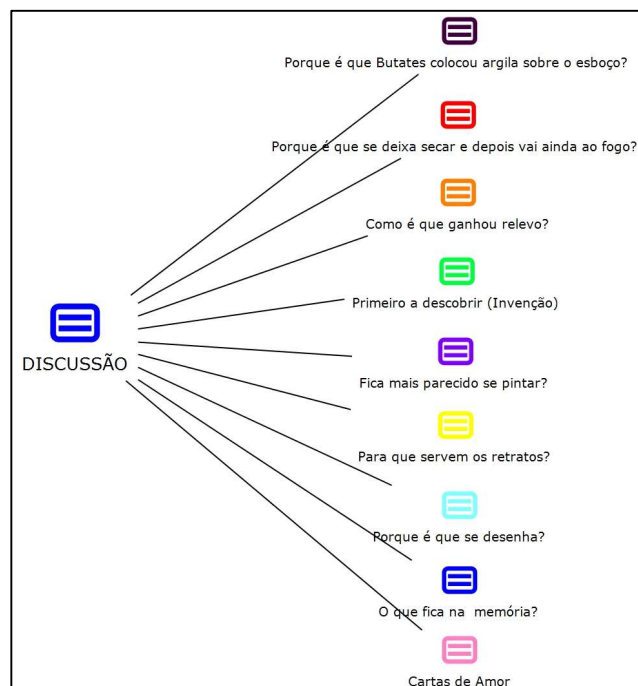


Fig. 21 – Questões de Referência
(Diagrama)

A ARDG (Crianças-participantes e Adultos) considerou que a associação de natureza teórica permitiu considerar 9 questões de referência (Fig. 21) que observam o seguinte enquadramento:

1. Porque é que Butates colocou argila sobre o esboço?
2. Porque é que se deixa secar e depois vai ainda ao fogo?
3. Como é que ganhou relevo?
4. Primeiro a descobrir (Invenção)
5. Fica mais parecido se pintar?
6. Para que servem os retratos?
7. Porque é que se desenha?
8. O que fica na memória?
9. Cartas de Amor

1. Porque é que Butates colocou argila sobre o esboço?

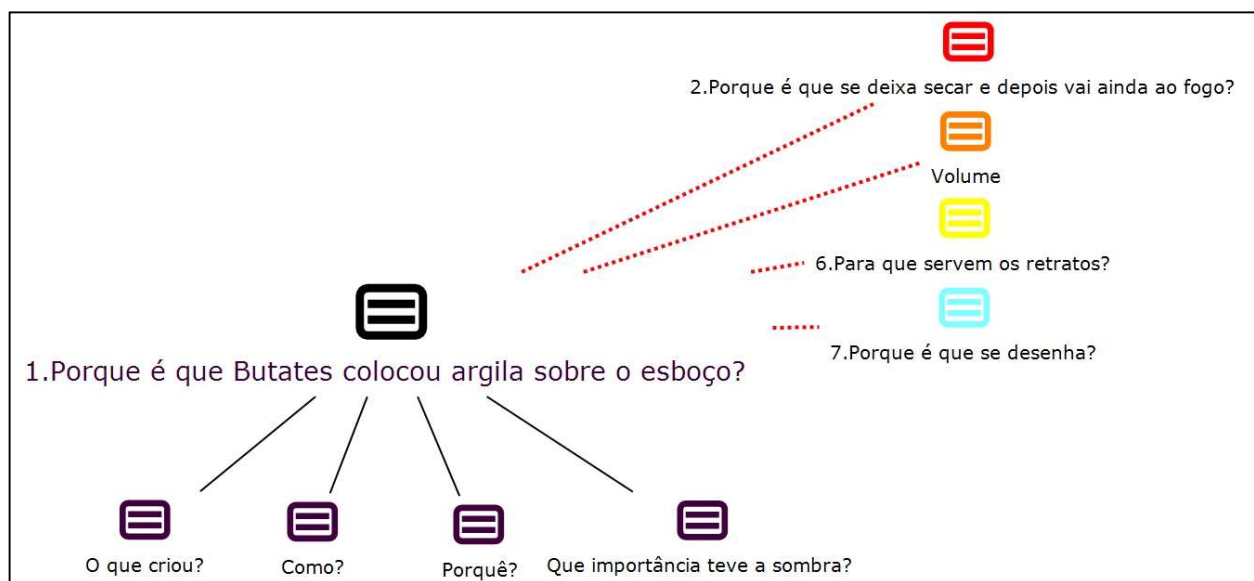


Fig. 22 – 1. Porque é que Butates colocou argila sobre o esboço?
(Diagrama)

A questão **1. Porque é que Butates colocou argila sobre o esboço?** (Fig.22) é a questão que melhor integra as intervenções de referência de cada uma das crianças-participantes e que observa a extensão dos interesses anunciados na **Agenda da Discussão**.

A questão **1. Porque é que Butates colocou argila sobre o esboço?** estende-se a um outro subgrupo de questões sensíveis interpretação da acção de Butates.

Assim, as subcategorias **O que criou?**, **Como?** e **Porquê?** elegem a razão pela qual Butates escolheu, ou não, argila, se esta escolha foi de propósito ou mera obra do acaso, porém, serve o propósito da oferta de objecto para o coração da filha, que permanece para sempre como representação do namorado que iria para o estrangeiro Ex: “(...) pode ter sido vamos experimentar pôr argila nisto. Porque se foi a primeira vez que ele fez a cerâmica pode ter sido: - Vamos experimentar fazer isto! e ficou mais ou menos a cara do namorado, porque se ela tinha aqui a cara e se ele pôs argila e digamos, fez assim, é como se aumentasse e ficasse a cara do namorado.” IND 3 (Feminino). A questão **Que importância teve a sombra?** expõe como a sombra desencadeia todo o processo relatado no texto Ex: “A sombra estava lá... o que ela desenhou, foi o contorno da sombra.” IND 6 (Masculino). Destacam-se ainda as intersecções externas (Fig.22) muito associadas à correspondência directa com a interpretação dos dados revelados pelo texto e que se manteve até à introdução das argumentações de cariz narrativo mais estruturadas.

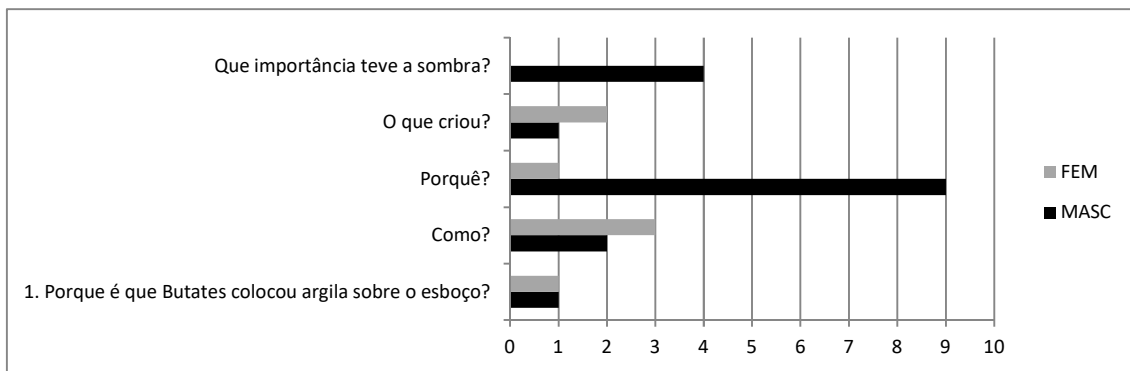


Fig. 23 – 1. Porque é que Butates colocou argila sobre o esboço?
(ARDG - Crianças-participantes)

A ARDG (Crianças-participantes) da questão **1. Porque é que Butates colocou argila sobre o esboço?** (Fig.22) a questão **Que importância teve a sombra?** foi notoriamente mais relevante para crianças-participantes do género masculino do que do feminino e focou-se, particularmente, na questão **Porquê?** que observa como a *sombra fica melhor com uma lanterna*, que ela mesma possibilita a sombra do namorado e permite que se trace com uma *linha o contorno* (da sombra).

Das quatro questões que surgiram na **Agenda da Discussão**, as três primeiras foram colocadas por crianças-participantes do género masculino e a quarta questão por uma criança-participante do género feminino. Esta questão não deriva directamente do contexto narrativo do texto apresentado mas de uma realidade muito próxima da que a colocou o que causou inicialmente alguma controvérsia. As crianças-participantes revelaram que, apesar de não deixarem de sinalizar algumas das suas fragilidades, relativizaram com grande facilidade a sua efectiva importância.

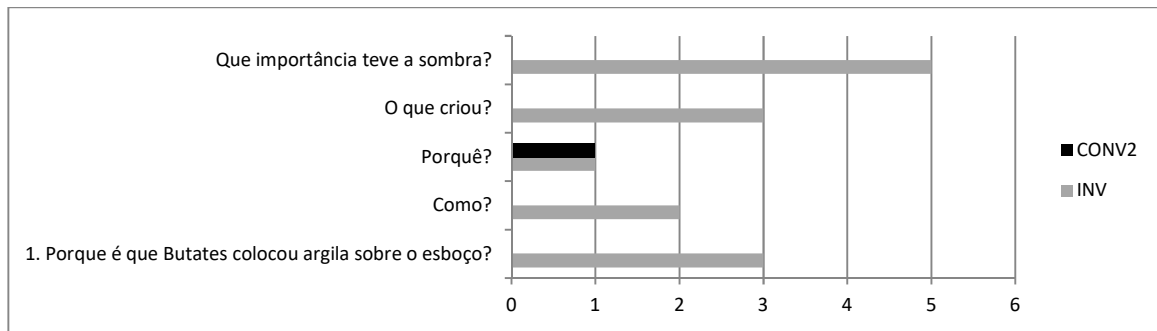


Fig. 24 – 1. Porque é que Butates colocou argila sobre o esboço?
(ARDG - Adultos)

A ARDG (Adultos) da questão **1. Porque é que Butates colocou argila sobre o esboço?** (Fig.24) pode-se constatar que, apesar da CONV2 só ter entrado na sala de aula e na discussão (depois de ter lido em silêncio e sozinha o texto), precisamente no momento em que as crianças-participantes discutiam as questões que estruturam a subcategoria **Memórias**, ou seja, depois de já ter decorrido metade da **Discussão**, esta teve necessidade de organizar as suas próprias referências dos dados fornecidos pelo texto, daí a entrada da sua intervenção na subcategoria **Porquê?**

Apesar de a construção categorial não equacionar necessidades temporais mas codificação de termos ou expressões relevantes para a constituição de teoria, é de salientar que este fenómeno de fraca expressão pode sinalizar uma característica natural mas essencial ao enquadramento daquilo que são estas Discussões: é necessário interpretar os dados, contextualizá-los, enquadrar o que se contextualizou para posteriormente ser possível deslocar sentidos enraizados e criar novos sentidos, mais abstractos.

As intervenções da INV para esta questão foram constantes tendo-se revelado uma maior incidência na subcategoria **Que importância teve a sombra?**

2. Porque é que se deixa secar e depois vai ainda ao forno?

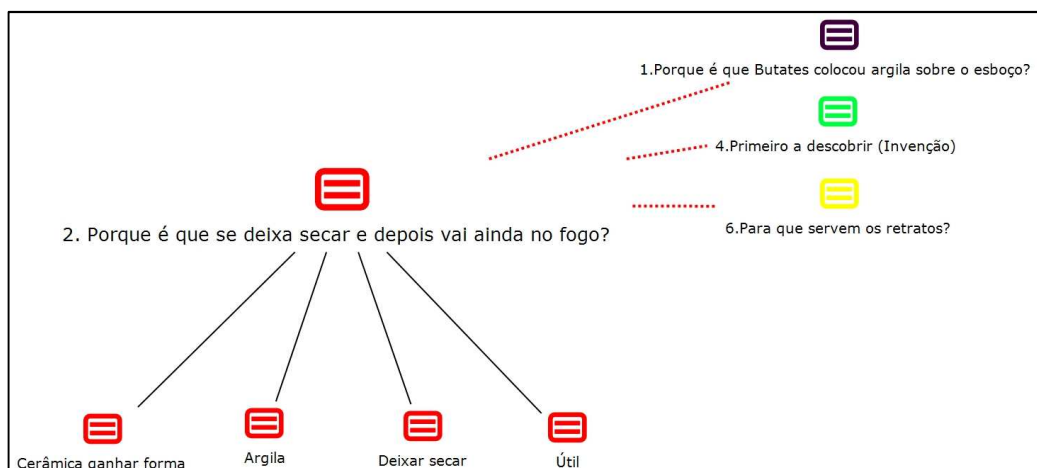


Fig. 25 – 2. Porque é que se deixa secar e depois vai ainda ao forno?
(Diagrama)

A questão **2. Porque é que se deixa secar e depois vai ainda ao fogo?** (Fig.25) está directamente ligada à 4ª questão da **Agenda de Discussão** e reflecte a necessidade de dar resposta ao que se definiu como sendo a **Técnica da cerâmica**. Assim sendo, esta subcategoria estendeu-se a um subgrupo de subcategorias que estruturam o conceito de *cerâmica enquanto técnica*.

Esta questão apresenta ainda intersecções externas com a questão **1. Porque é que Butates colocou argila sobre o esboço?**), ou seja, tornou-se na resposta directa ao modo como Butates colocou argila no esboço questão **4. Primeiro a descobrir** e à descoberta da utilização da cerâmica para dar forma a um retrato **6. Para que servem os retratos?**.

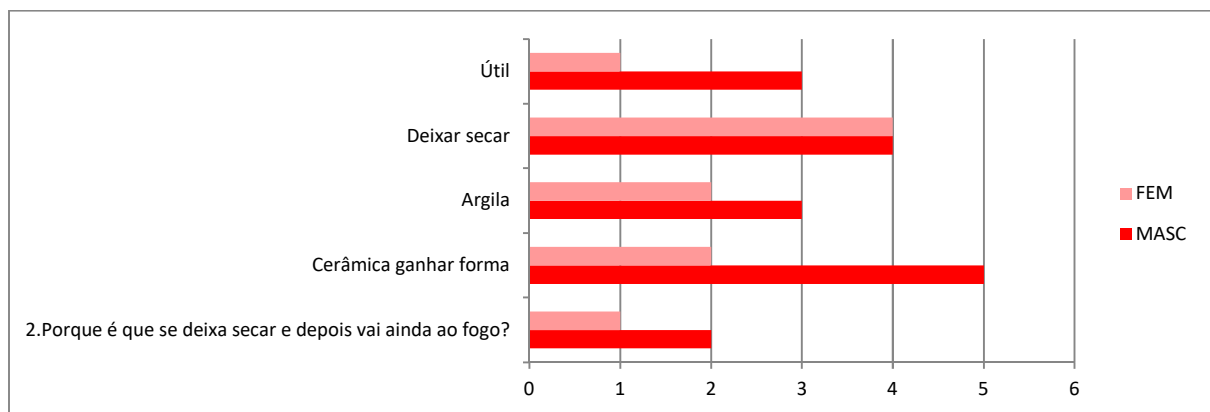


Fig. 26 – 2. Porque é que se deixa secar e depois vai ainda ao forno?
(ARDG - Crianças-participantes)

A ARDG (Crianças-participantes) da questão **2. Porque é que se deixa secar e depois vai ainda ao fogo?** (Fig.26) está directamente ligada à questão **Deixar secar** e constituiu-se das explicações necessárias para que todas as crianças-participantes estivessem conscientes do processo técnico da cerâmica e apresenta uma relevância idêntica para as crianças-participantes de ambos os géneros. A questão **2. Porque é que se deixa secar e depois vai ainda ao fogo?** estende-se ainda às seguintes subcategorias:

- A subcategoria **Cerâmica ganhar forma** constituiu-se do modo de como o contorno ganhou forma com o mesmo material utilizado por Butates para as suas cerâmicas, a argila, e de como este *ceramicar* (IND 6 Masculino) fez com que o retrato do namorado ficasse melhor e destaca-se pelo interesse que suscitou nas crianças-participantes do género masculino em contraste com o interesse das crianças-participantes do género feminino;
- A subcategoria **Argila** descreve o modo como as crianças-participantes definem o próprio material que apesar de provir da terra não é propriamente *terra*, é um outro tipo de terra mais mole, mais desfeita que a areia, e a sua conveniência argumentativa incidiu nos interesses das crianças-participantes de ambos os géneros, porém, com uma ligeira evidência para os interesses das crianças-participantes do género masculino;
- A subcategoria **Deixar secar** constitui-se de um evidente interesse revelado pela técnica da cerâmica pelo que apresenta uma relevância idêntica para ambos os géneros;
- A subcategoria **Útil** descreve as qualidades da utilização da cerâmica para fazer este retrato, ou seja, Butates ao experimentar fazer um retrato em argila percebeu que este fica melhor, e que é útil para a filha no sentido em que o

objecto criado deverá dar para “matar mais saudades” do namorado. O interesse suscitado por esta questão destaca-se nas crianças-participantes do género masculino.

Apesar de a questão **2. Porque é que se deixa secar e depois vai ainda ao fogo?** derivar directamente da 4ª questão, a única questão colocada por uma crianças-participantes do género feminino, foi nas crianças-participantes do género masculino que despertou uma maior anuência.

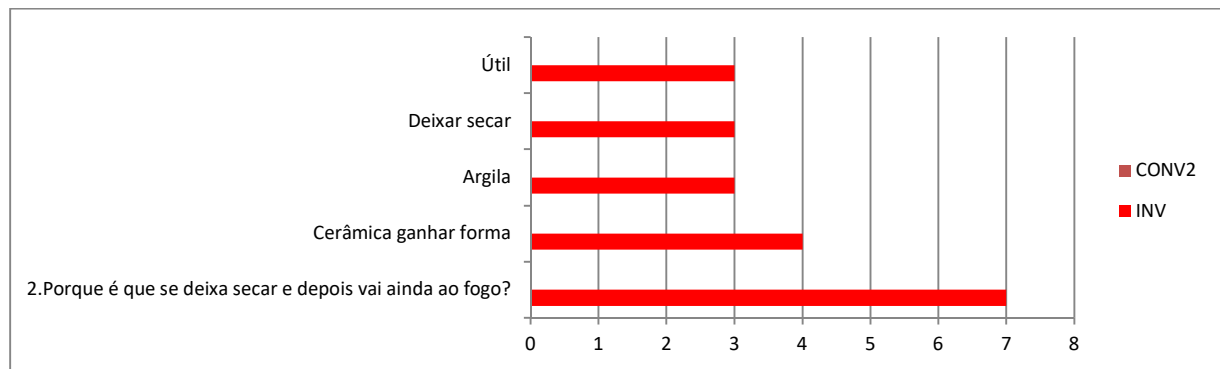


Fig. 27 – 2. Porque é que se deixa secar e depois vai ainda ao forno?
(ARDG - Adultos)

Na ARDG (Adultos) (Fig.27) as intervenções da INV para esta questão foram constantes tendo-se revelado uma maior incidência de intervenções para a própria questão **2. Porque que é que se deixa secar e depois põe-se ainda ao fogo?**

As intervenções da INV nas questões que provém da interpretação e contextualização dos dados fornecidos pelo texto revelam uma preocupação provável desproporcionada com as necessidades inerentes à própria **Discussão**.

A CONV2 não esteve presente na sala durante a constituição desta questão, nem posteriormente, à semelhança da questão anterior, teve necessidade de intervir no sentido temático.

3. Como é que ganhou relevo?

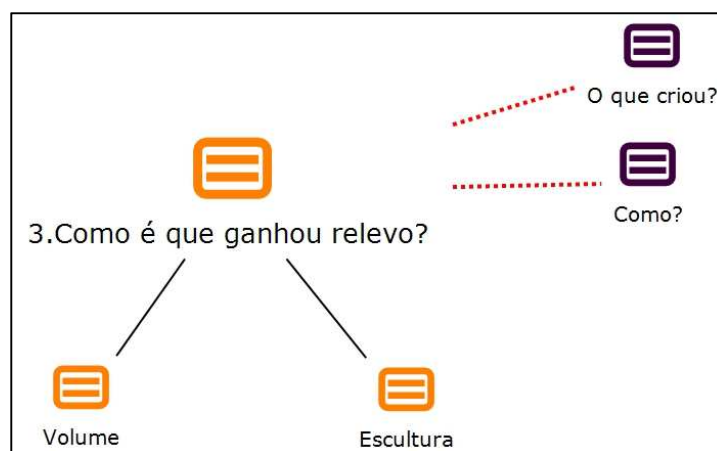


Fig. 28 – 3. Como é que ganhou relevo?
(Diagrama)

A questão **3. Como é que ganhou relevo?** (Fig.28) revela a preocupação das crianças-participantes por perceber como é que Butates deu forma e volume ao retrato, de como é que tirou o relevo a partir do esboço na parede.

As intersecções externas apresentadas pela 3ª Questão (Fig.28) revelam a ligação óbvia à 1ª Questão (**O que criou?** e **Como?**).

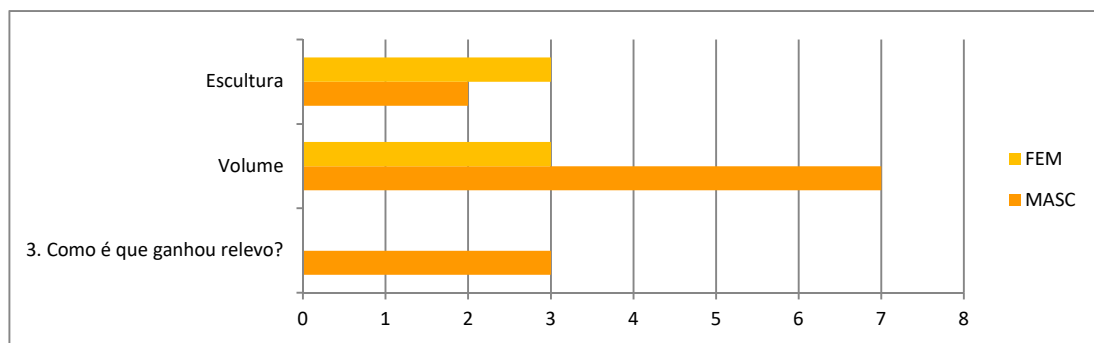


Fig. 29 – 3. Como é que ganhou relevo?
(ARDG - Crianças-participantes)

A ARDG (Crianças-participantes) da questão **3. Como é que ganhou relevo?** (Fig.29) é apenas referida por crianças-participantes do género masculino e constituiu-se, ainda, da subcategoria **Volume**, que revela a preocupação, notoriamente das crianças-participantes do género masculino, em visualizar o contexto, a acção de passar de um esboço à tridimensionalidade do mesmo, de uma linha ganhar volume; e, ainda, da subcategoria **Escultura** que finaliza a caracterização desse volume que se converteu de peça de cerâmica para uma escultura que permanece e que despertou um interesse ligeiramente mais destacado nas crianças-participantes do género feminino

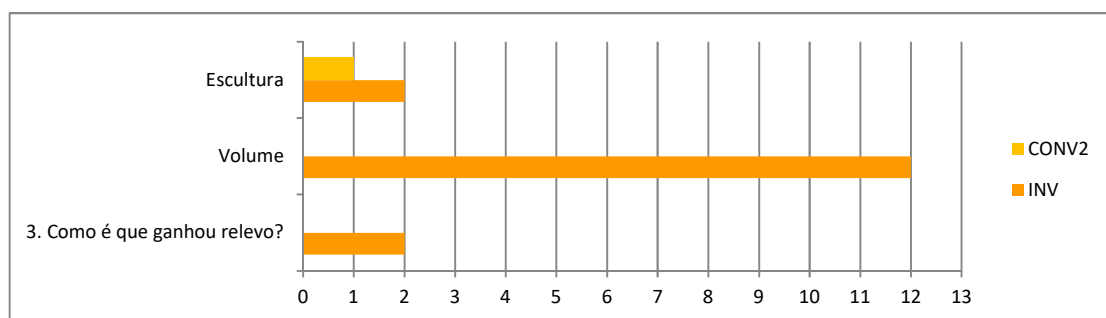


Fig. 30 – 3. Como é que ganhou relevo?
(ARDG - Adultos)

A ARDG (Adultos) (Fig. 30) da questão **3. Como é que ganhou relevo?** salienta uma maior preocupação pelas questões relacionadas com a subcategoria **Volume**, o que também revela o tipo de preocupação facultado no acompanhamento às intervenções das crianças-participantes do género masculino (Fig.27) para a mesma questão.

Para a questão **3. Como é que ganhou relevo?** e para a subcategoria **Escultura** a grau de relevância das intervenções da INV pode-se considerar diminuto.

A CONV2 não esteve presente na discussão durante a constituição inicial desta questão, contudo, por breves instantes, a subcategoria **Escultura** surge no último *momento de passagem* da **Discussão** através da intervenção do IND 8 (Masculino) “Eu acho que é assim, por exemplo, o rapaz foi-se embora mas a estátua, a moldura, nunca se pode ir embora. (...) A estátua não vai se mexer de lá.”, a qual recebe o acompanhamento imediato da CONV2 “O que ele está a dizer é a diferença entre uma pessoa que se desloca e a estátua. Se não lhe acontecer nada, que permanece para sempre.”. Assim, é de referir que elementos categorizados, mesmo de relevância mínima tornam-se elementos de extrema importância e caracterizadores de fenómenos subtis mas explicativos, neste caso, trata-se de um *momento de passagem* que se revelou como um lugar, quase impercetível, de contextualização de fenómenos de origens teóricas diferentes.

Se não se tivesse considerado o grau de relevância de “valor 1” da intervenção da CONV2 (que não esteve presente nem na abertura, nem na composição posterior desta categoria), se não se tivesse constado que no decorrer da **Discussão** se formam momentos de passagem, se a análise dos dados não tivesse considerado e cruzado o discurso como um todo e das suas partes que o constituem, a subtileza deste fenómeno de contextualizações com origens teóricas diferentes poderia ter sido completamente ignorado. Em suma, este fenómeno assegura a conceptualização e sinalização do que consideram ser os momentos de passagem da **Discussão**.

4. Primeiro a descobrir

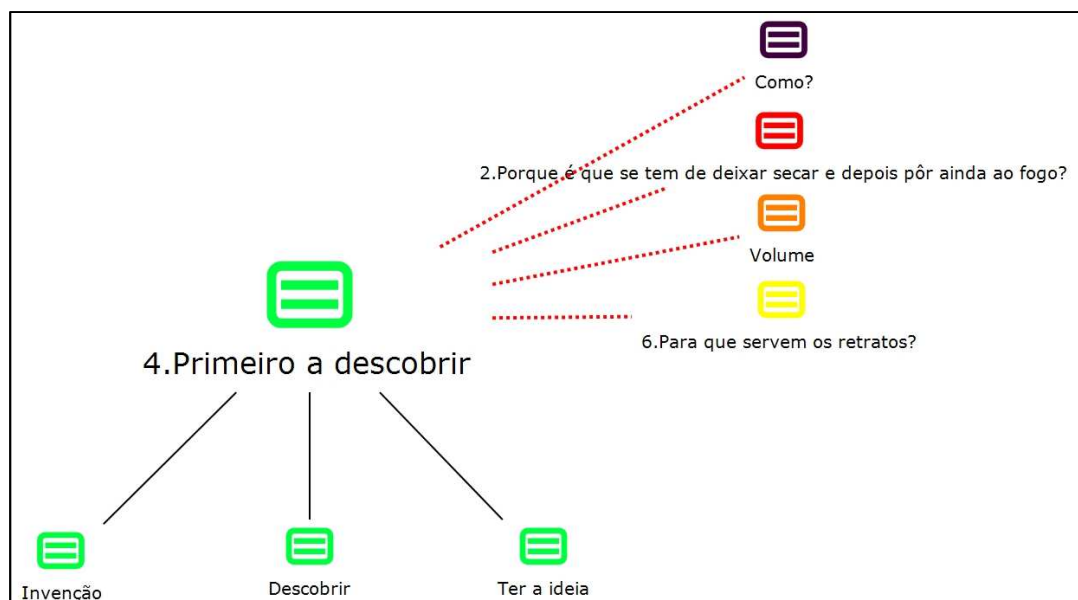


Fig. 31 – 4. Primeiro a descobrir (Diagrama)

A questão **4.Primeiro a descobrir** (Fig.31) revela a preocupação das crianças-participantes em estabelecer a intenção deste acontecimento, tendo sido gerado pela ideia de experimentar que da origem a uma descoberta.

Neste contexto, a subcategoria **Ter a ideia** constitui-se do acaso, do pensamento, do facto de ninguém ter experimentado antes, de ser a causa e a origem de uma invenção, e de obrigar a um registo da mesma em planos que confirmem e provem a sua autoria. Esta estrutura ideologicamente complexa e abrangente, destacou-se na relevância que teve para as crianças-participantes do género masculino (Fig.32). A subcategoria **Descobrir** refere-se a algo que ainda ninguém tinha experimentado e a subcategoria **Invenção** define a necessidade de se ser o primeiro a experimentar, o que define também o papel preponderante da autoria.

As intersecções externas apresentadas pela 4ª Questão (Fig.28) revelam a ligação à 1ª Questão (**Como?**), à questão **2.Porque que é que se deixa secar e depois põe-se ainda ao fogo?**, à 3ª Questão (**Volume**), e ainda, à questão **6.Para que servem os retratos.**

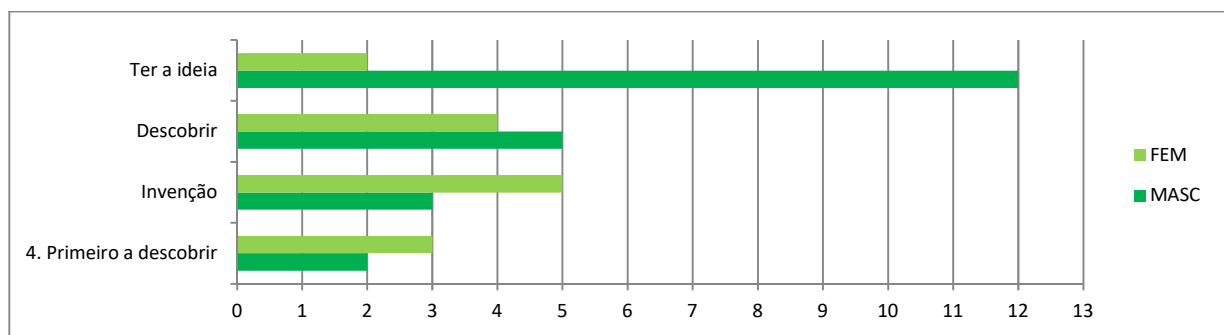


Fig. 32 – 4. Primeiro a descobrir (ARDG - Crianças-participantes)

A ARDG (Crianças-participantes) questão **4.Primeiro a descobrir** (Fig.31) de fraca relevância para ambos os gêneros estende-se à subcategoria **Invenção** com uma foco de interesse algo destacado para as crianças-participantes do género feminino em relação ao interesse suscitado nas crianças-participantes do género masculino, à subcategoria **Descobrir** com uma relevância de interesse um pouco mais significativo, porém, muito semelhante para ambos os gêneros, e ainda, à subcategoria **Ter a ideia** cujo interesse revelado destaca na incidência para as crianças-participantes do género masculino.

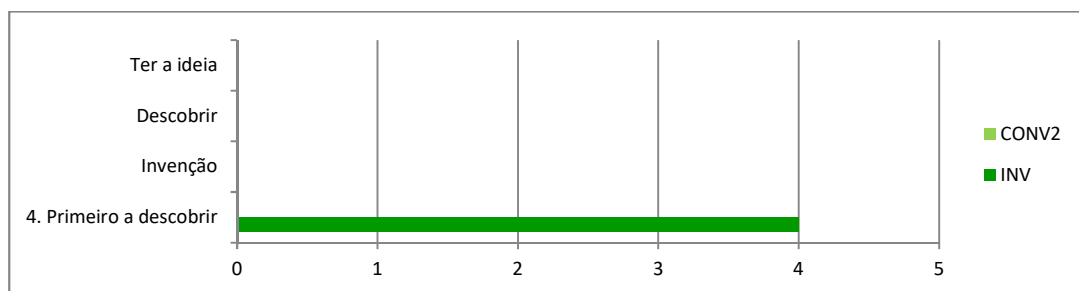


Fig. 33 – 4. Primeiro a descobrir (ARDG - Adultos)

A ARDG (Adultos) (Fig.33) para as entradas relacionadas com a questão **4. Primeiro a descobrir (Invenção)** revelou uma participação diminuta da INV. Para as restantes subcategorias não se sinalizaram intervenções pelo que o grau de relevância foi nulo tanto para a INV como para a CONV2.

5. Fica mais parecido se pintar?

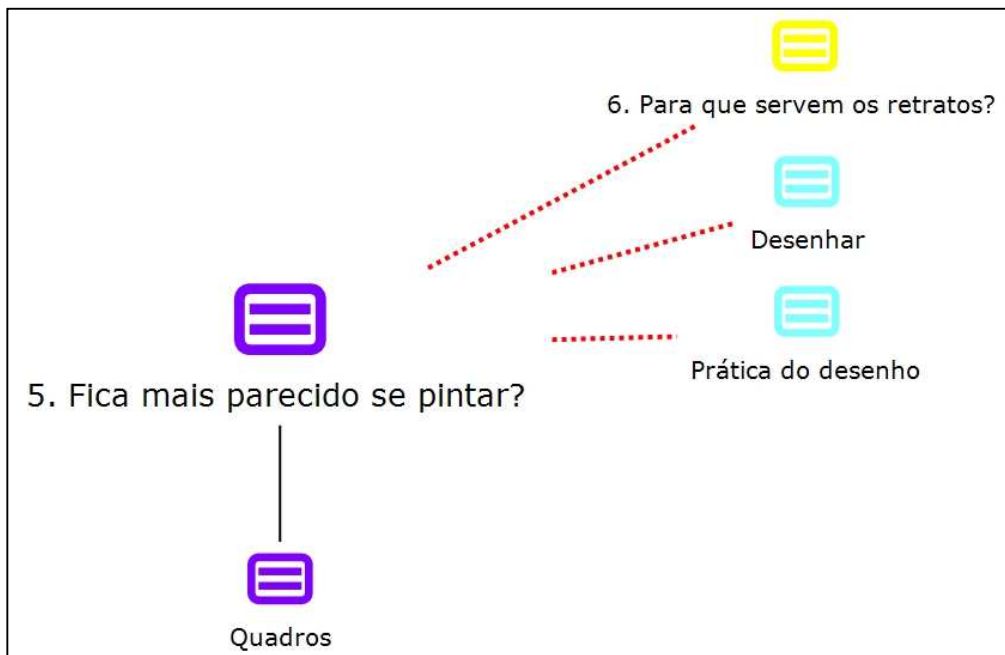


Fig. 34 – 5. Fica mais parecido se pintar?
(Diagrama)

A questão **5. Fica mais parecido se pintar?** (Fig.34) constitui um breve apontamento nos conceitos desenvolvidos pelas crianças-participantes. A questão em si reflecte a importância que as crianças-participantes dão à correspondência com o real, ou seja, um retrato pintado deve ficar mais parecido com a pessoa que está a ser retratada, facilita a identificação.

As intersecções externas apresentadas pela 5ª Questão (Fig.34) revelam a partilha de temas ou conceitos com a questão **6. Para que servem os retratos?** e a 7ª Questão (**Desenhar e Prática do desenho**).

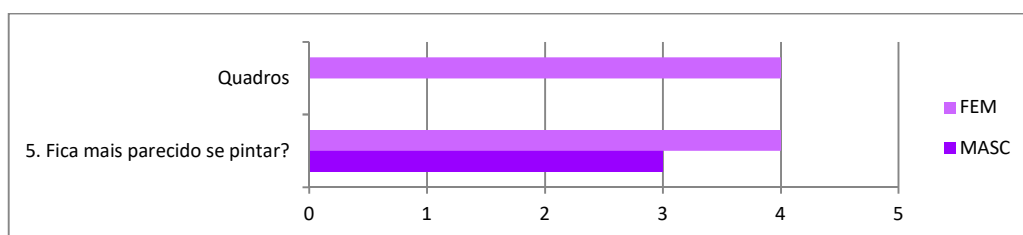


Fig. 35 – 5. Fica mais parecido se pintar?
(ARDG - Crianças-participantes)

A ARDG (Crianças-participantes) da questão **5. Fica mais parecido se pintar?** (Fig.35) apresenta uma relevância muito semelhante para ambos os géneros, enquanto, a sua subcategoria **Quadros** definiu-se com referências fornecidas apenas pelas crianças-participantes do género feminino que observam a acção dos próprios pintores, as mensagens que os quadros podem trazer, e ainda, a informação das legendas colocadas próximo das obras que nos Museus auxiliam na compreensão da obra.

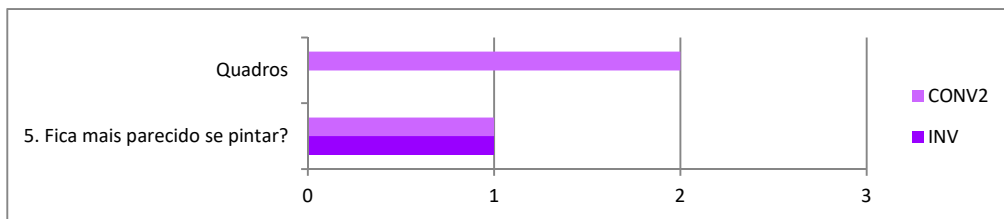


Fig. 36 – 5. Fica mais parecido se pintar?
(ARDG - Adultos)

A ARDG (Adultos) da questão **5. Fica mais parecido se pintar?** (Fig.36) revelou um grau de relevância diminuta para as participações da INV e da CONV2.

6. Para que servem os retratos?

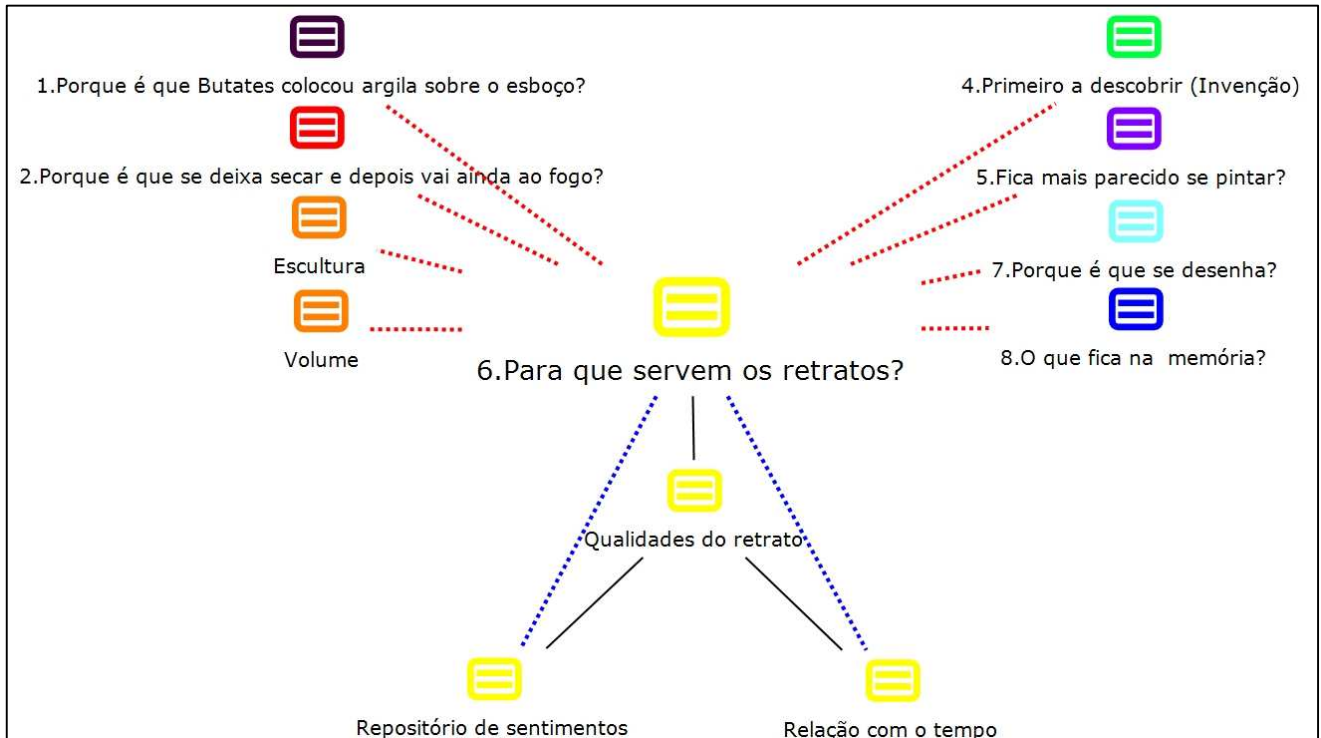


Fig. 37 – 6. Para que servem os retratos?
(Diagrama)

A questão **6. Para que servem os retratos?** (Fig.37), num primeiro momento, define conceitos que as crianças-participantes constituíram através da estruturação dos dados provenientes do texto, ou seja, observam a função do retrato: serve para o *coração da filha*, para que esta se possa *lembrar* do namorado; posteriormente, estes mesmos conceitos passam a abordar aspectos pessoais: para *lembrarmo-nos de nós próprios*, para *conhecermos as nossas feições* de quando éramos bebés, ou ainda, porque *não nos conseguimos lembrar o tempo inteiro* e os retratos ajudam-nos a aceder a essas outras memórias.

Assim, o contexto revelado define a subcategoria **Qualidades do retrato** que afina a abrangência do conceito de retrato, na medida em que se estabelece que *o retrato deve assegurar alguma semelhança com o retratado*, pelo que, destaca-se a ligação à *pintura*, como já havia sido referido anteriormente, e às *fotografias*, isto é, o *retrato* revela-se directamente ligado aos *sentimentos*, mais concretamente, às *saudades* e às *memórias* que temos da pessoa retratada. A subcategoria **Qualidades do retrato** compreende, ainda, a diferenciação ou especificação dos seus atributos e que se organizam através da subcategoria **Repositório de sentimentos** que constitui da possibilidade de *avivar os sentimentos*, de *acalmar ou suscitar saudades*, de *nos ligar à pessoa* que está ali retratada, de *a manter presente* ou próxima mesmo estando ausente; e, ainda, através da subcategoria **Relação com o tempo** que alude ao facto de *os retratos perdurarem para toda a vida*, de nos remeterem às *memórias do tempo que se passou* com a pessoa retratada, porque *a pessoa retratada pode estar ausente enquanto o seu retrato permanece*, *remete-nos para a antecipação de um próximo encontro*.

A questão **6. Para que servem os retratos?** apresenta com uma temática abrangente aos interesses conceptuais revelados em discussão. Assim, a **6ª Questão** observa não só intersecções internas como intersecções externas (Fig.37), sendo que estas últimas evidenciam a forte associação temática desta questão à quase totalidade dos conteúdos geridos pelas restantes questões estabelecidas.

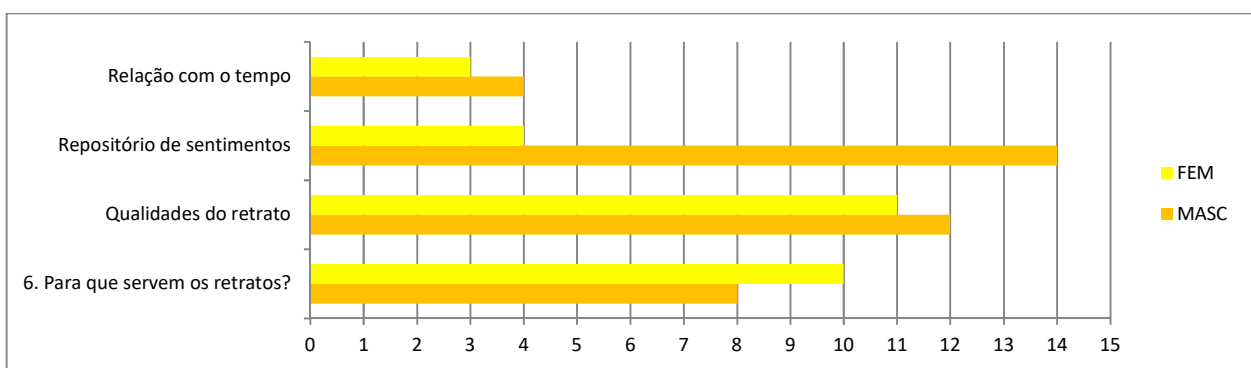


Fig. 38 – 6. Para que servem os retratos?
(ARDG - Crianças-participantes)

Na ARDG (Crianças-participantes) da questão **6. Para que servem os retratos?** (Fig.38) observa-se uma relevância média-alta e idêntica para ambos os géneros que, por sua vez, se estende à subcategoria **Qualidades do retrato** que revela uma relevância alta e igualmente idêntica para ambos os géneros.

A subcategoria **Qualidades do retrato** estende-se ainda à subcategoria **Repositório de sentimentos**, que se destaca visivelmente quanto à sua relevância para as crianças-participantes de género masculino em contraste com a baixa relevância para o género feminino, e ainda, a subcategoria **Relação com o tempo** que apresenta uma relevância baixa e algo semelhante para ambos os géneros.

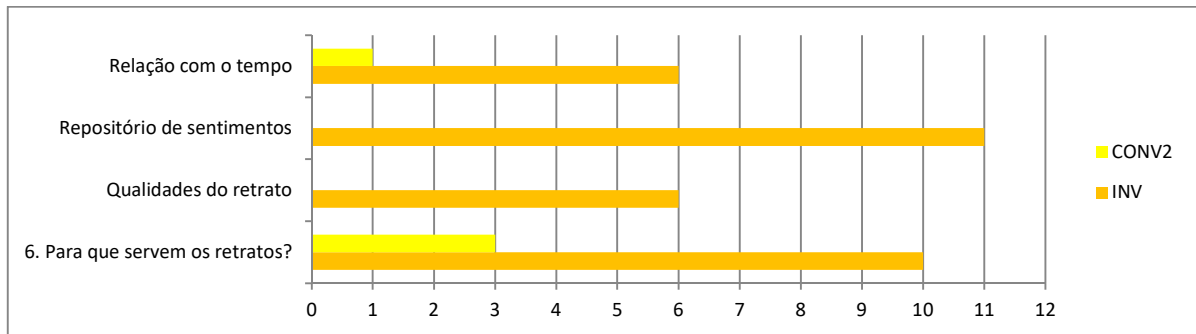


Fig. 39 – 6. Para que servem os retratos?
(ARDG - Adultos)

A ARDG (Adultos) da questão **6. Para que servem os retratos?** (Fig.39), à semelhança da análise de relevância por género para as crianças-participantes (Fig.38), revela a importância desta categoria que acompanhou os interesses da **Discussão** desde o seu início até muito próximo do final do seu final.

Assim, tendo em conta que a CONV2 entrou numa fase muito avançada da discussão, pode-se referir que as suas intervenções acentuaram-se na própria questão **6. Para que servem os retratos?** com um grau de relevância muito baixo e na subcategoria **Relação com o tempo** com um grau de relevância diminuto. As intervenções da INV tiveram, para a análise de relevância desta questão, uma relevância média-alta com maior incidência na categoria **Para que servem os retratos?** e subcategoria **Repositório de sentimentos**, sendo que a subcategoria **Qualidades do retrato** e a subcategoria **Relação com o tempo** apresentam um grau de relevância médio.

Ambas as análises de relevância, crianças-participantes (Fig.38) e adultos (Fig.39), revelam um paralelismo algo acentuado, o que de algum modo revela a preocupação da INV à instigação objectiva de modo a promover uma participação mais expansiva.

7. Porque é que se desenha?

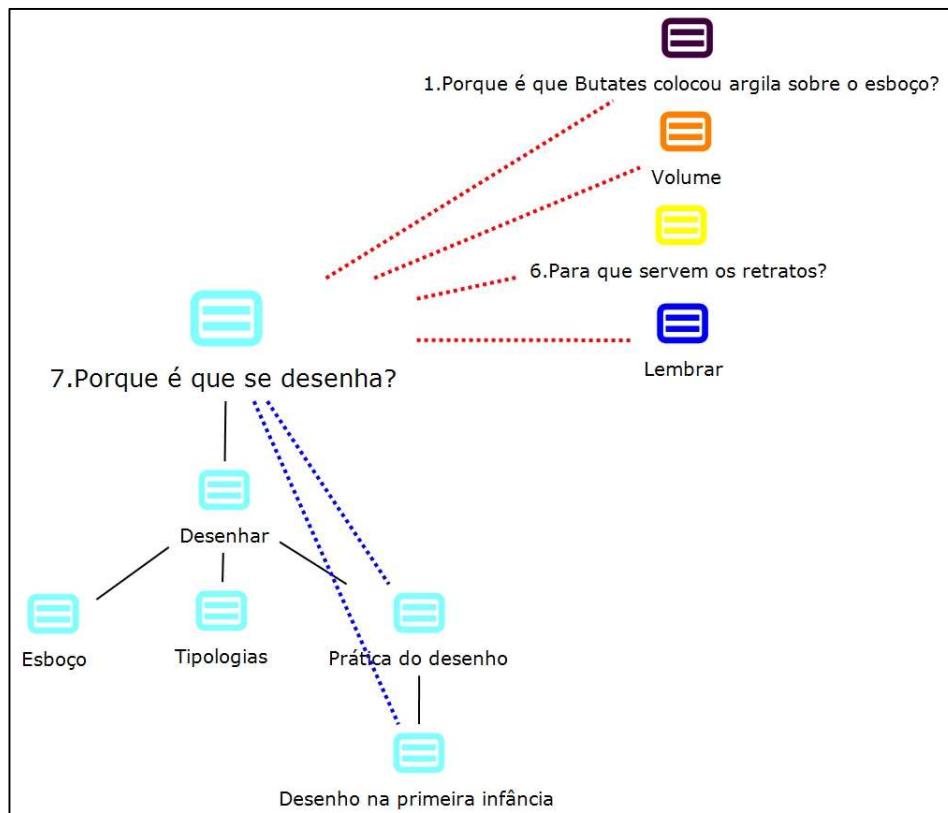


Fig. 40 – 7. Porque é que se desenha?
(Diagrama)

A questão **7. Porque é que se desenha?** (Fig.40) é a questão mais conceptualizada desta análise. Ou seja, a questão em si não se apresenta muito relevante, sendo que surge muito associada aos dados do texto Ex: “Deu volume ao desenho e criou uma escultura” IND 3 (Feminino), porém, é a partir desta questão que as crianças-participantes abordam o conceito de **Desenhar**, que se define por *contorno do rosto, fazer o retrato* de uma pessoa, de *traço*, do *desenhar o perfil* que facilita e garante uma *melhor identificação*.

Assim, a subcategoria **Desenhar** organiza-se segundo temáticas particularizadas: **Esboço** que se define como um *desenhar à vista mas sem pormenores, dar forma, desenho mais rápido, o que o artista faz primeiro*; **Tipologia de desenhos**, ou seja, *desenhar à vista, desenho abstracto ou caricaturas*; e, ainda, a **Prática do desenho** que depende da fase de crescimento, da *evolução do olhar*, da *capacidade de visão* das coisas e da *capacidade de comparar e apreciar*. Por sua vez, a subcategoria **Prática do desenho** estende-se ainda à subcategoria **Desenho na primeira infância** que refere o *desenho praticado na sua escola* (Cooperativa de Ensino a Torre), *a prática do desenho na Torre que é tida como diferente* do das outras escolas uma vez que se considera *um desenho com outro significado, com mensagens, explícitos e que funcionavam como uma forma de escrita* pois eram desenhos identificados, ou seja, *desenhos com nome* que faziam parte do *Jornal de parede* da sala de aula.

As intersecções externas apresentadas pela **7ª Questão** (Fig.28) revelam a ligação à questão **1. Porque é que Butates colocou argila sobre o esboço?**, à 3ª Questão (**Volume**), à questão **6. Para que servem os retratos?** e, ainda, à 8ª Questão (**Lembrar**).

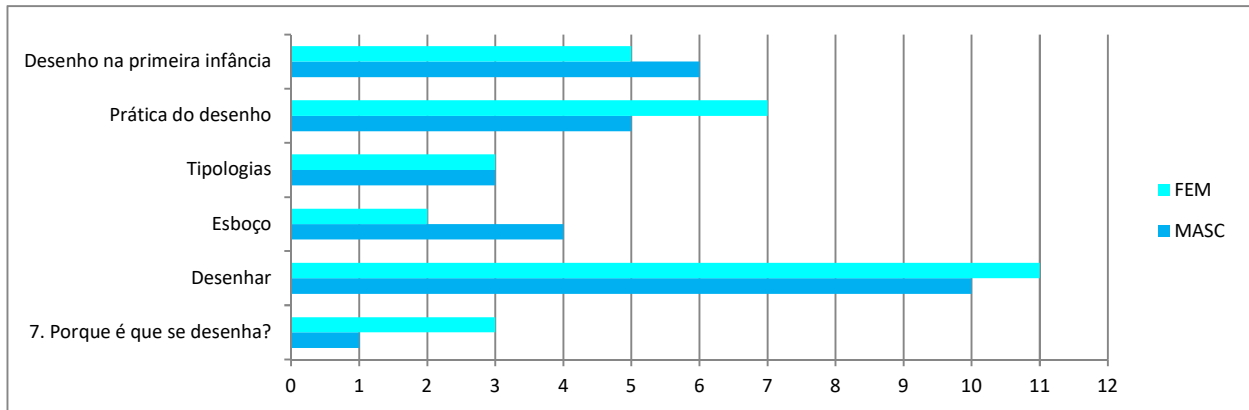


Fig. 41 – 7. Porque é que se desenha?
(ARDG - Crianças-participantes)

A ARDG (Crianças-participantes) da questão **7. Porque é que se desenha?** (Fig.41) não se apresenta como muito relevante, porém, estende-se à subcategoria **Desenhar** que apresenta o maior grau de relevância elevado e idêntico para as crianças-participantes de ambos os gêneros.

A subcategoria **Desenhar**, por sua vez, estende-se às subcategorias: **Esboço** com um grau de relevância baixo mas mais elevado para as crianças-participantes do gênero masculino; **Tipologias** com um grau de relevância idêntico para ambos os gêneros; **Prática do desenho** que apresenta um grau de relevância médio para ambos os gêneros, porém, com uma maior expressão para as intervenções do gênero feminino e que, por sua vez, compreende a subcategoria **Desenho na primeira infância** que apresenta um grau de relevância médio para ambos os gêneros apesar da ligeira distinção para o gênero masculino.

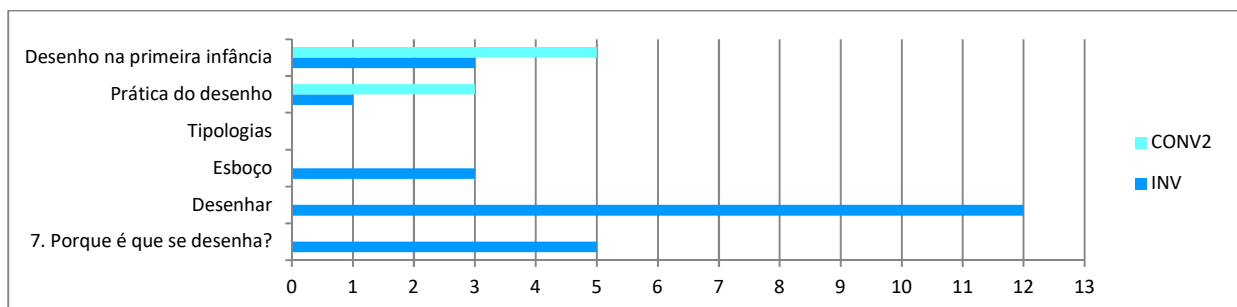


Fig. 42 – 7. Porque é que se desenha?
(ARDG - Adultos)

A ARDG (Adultos) da questão **7. Porque é que se desenha?** (Fig.42) revelou que, apesar do grau de relevância baixo, a CONV2, por ter sido professora de 1º ano destas crianças-participantes, estava mais próxima da construção

das suas narrativas relativamente às suas experiências quotidianas e que sustentaram as questões apresentadas na subcategoria **Desenho na primeira infância** e a subcategoria **Prática do desenho**. A relação de empatia da CONV2 com as crianças-participantes ficou patente na carga emotiva que passaram a dar às suas intervenções aquando da sua aparição na sala de aula, sendo que esta subcategoria, que fechou a **Discussão**, não foi excepção dessa alteração mais sensível dos conteúdos das argumentações.

As intervenções da INV caracterizaram-se por terem sido de instigação a uma participação com argumentações mais estruturadas, mais esclarecedoras dos sentidos.

Assim, a ARDG (Adultos) revela, em geral, uma participação moderada mas sólida em que a subcategoria **Desenhar** se revela como um foco de relevância das intervenções da INV, o que também revela alterações à natureza da moderação: evita intervenções de contextualização e acentua as participações de instigação.

8. O que fica na memória?

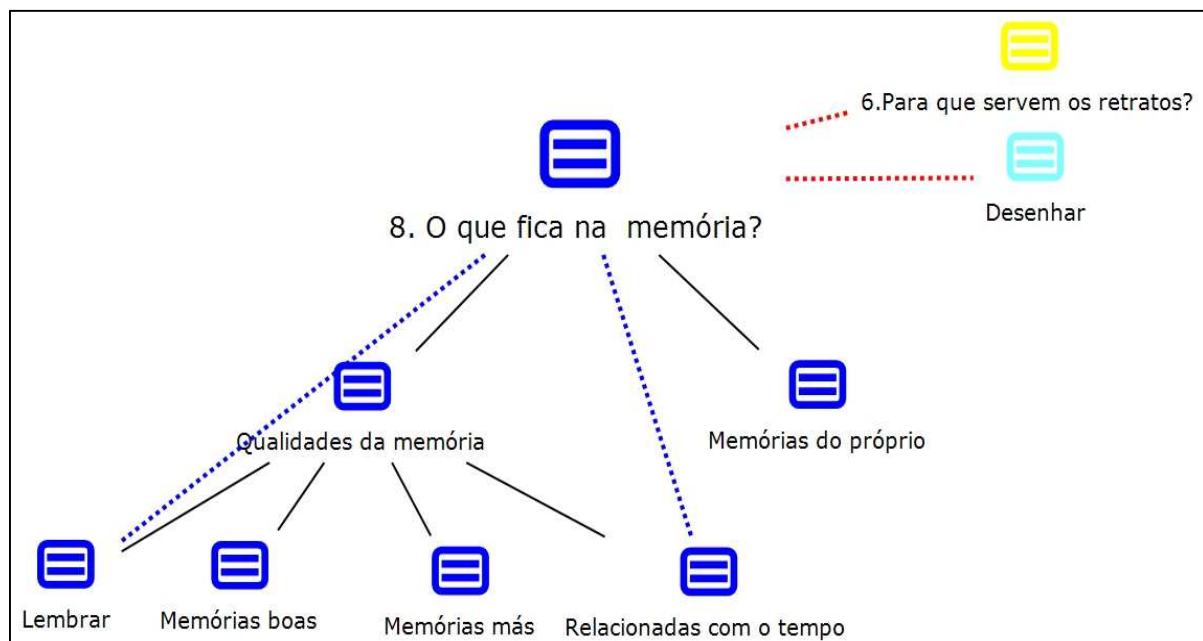


Fig. 43 – 8. O que fica na memória?
(Diagrama)

A questão **8. O que fica na memória?** (Fig. 43) é uma questão que surge no contexto da questão **6. Para que servem os retratos?** quando agrega à reflexão sobre o *lembrar* as memórias associadas a factos e vivências e à ausência ou impossibilidade de as repetir.

As crianças-participantes ao procurarem estabelecer o conceito de memórias, estenderam à sua mutabilidade e impermanência a capacidade de também *não permitir esquecer*, ou seja, redefiniram as **Qualidades da Memória** que se descreve segundo: **Memórias boas** associadas à infância, à *ausência de consciência que dificulta o lembrar*, porém, por *trazerem* satisfaçam *é onde queremos estar*; **Más memórias** que são valorizadas por *marcarem* e por estarem *associadas à morte*; a capacidade de **Lembrar** associada aos sentimentos, à possibilidade de através da

memória os sentimentos permanecerem, de permitir *através da imaginação recriar ou reviver acontecimentos do passado*, de permitir o *reconhecimento das próprias feições* quando bebês; e, ainda, as **Relacionadas com o tempo** como *as memórias que perduram para a vida* e que contrastam com outras *memórias de que se lembram vagamente* ou, ainda, de outras *memórias que se deseja reter para melhor lembrar* o que já passou pois, lidamos com a *impossibilidade de lembrar a tempo inteiro*.

Ainda associada à subcategoria **Qualidades da Memória** surge a subcategoria **Memórias do próprio** que se define pela *ausência de memória em idade precoce*, pela *vivência na escola* e pelas *recordações que ficarão para a vida*.

A **8ª Questão** apresenta intersecções internas e intersecções externas, sendo que estas últimas a associam à questão **6. Para que servem os retratos?** e à **7ª Questão (Desenhar)**.

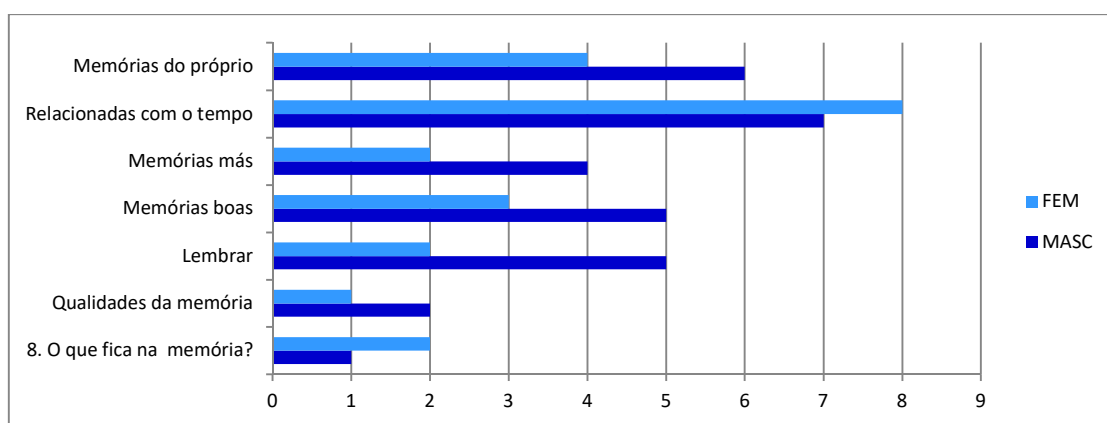


Fig. 44 – 8. O que fica na memória?
(ARDG - Crianças-participantes)

A ARDG (Crianças-participantes) observa para a questão **8. O que fica na memória?** (Fig. 44) uma de relevância baixa para ambos os géneros e que se estende às subcategorias:

- **Qualidades da Memória** surge com um grau de relevância baixo para ambos os géneros, que por sua vez se estende ainda às subcategorias:

- **Lembrar** que apresenta um grau de relevância baixo e bastante diferenciado entre os géneros, sendo que se apresenta mais elevada para o género masculino;
- **Memórias boas** que apresenta um grau de relevância baixo e algo diferenciado entre os géneros, apresentando-se um pouco mais elevado para o género masculino;
- **Memórias más** que apresenta um grau de relevância um pouco mais baixo que a subcategoria anterior e com o mesmo tipo de diferenciação, um pouco mais elevado para o género masculino;
- **Relacionadas com o tempo** que apresenta um grau de relevância elevado para as crianças-participantes de ambos os géneros;

- **Memórias do próprio** que apresenta um grau de relevância médio para o gênero feminino e alto para o gênero masculino.

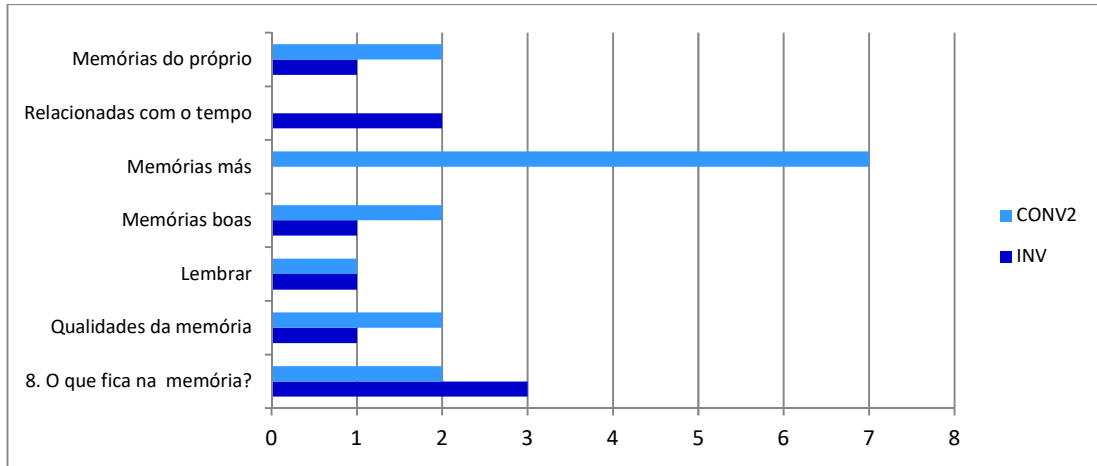


Fig. 45 – 8. O que fica na memória?
(ARDG - Adultos)

A ARDG (Adultos) da questão **8. O que fica na memória?** (Fig.45) revela os efeitos de uma moderação em parceria. Assim, destacam-se as intervenções da CONV2 na subcategoria **Memórias más** que apresenta o maior grau de relevância do conjunto e na qual a INV não participa.

À exceção da subcategoria **Relacionadas com o tempo** que apresenta um grau de relevância baixo apenas para a INV, no seu conjunto, tanto a questão **8. O que fica na memória?** como as suas subcategorias apresentam dinâmicas de moderação de parceria equilibrada e sem destaques a assinalar, pelo que se apresentam, na sua generalidade, com graus de relevância baixos e/ou diminutos.

9. Cartas de Amor

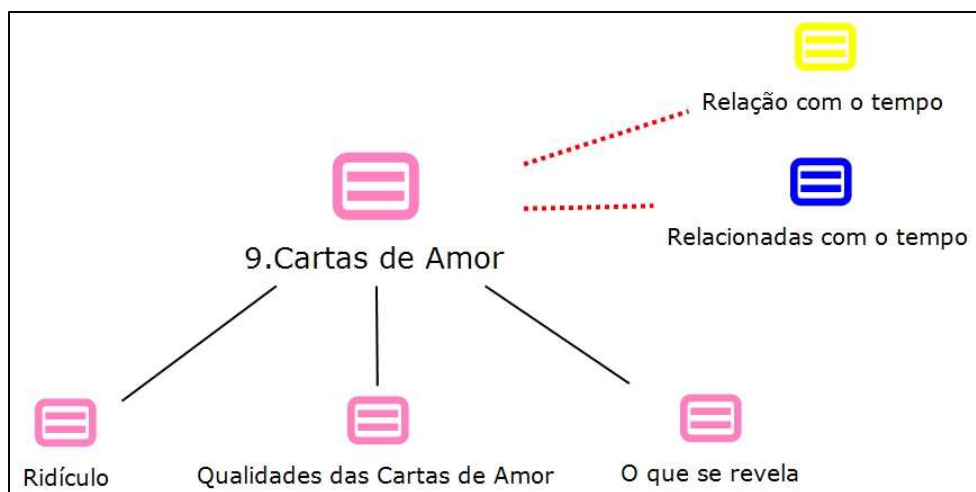


Fig. 46 – 9. Cartas de Amor
(Diagrama)

A questão **9. Cartas de Amor** (Fig. 46) surge no seguimento das intervenções em torno das memórias revividas, e neste caso, tal como havia sido referido na análise anterior, foi referida uma peça de Teatro sobre Fernando Pessoa a que as crianças-participantes assistiram.

Assim, **Cartas de Amor** constituiu-se da natural ligação à subcategoria **Ridículo** que se definiu através do que as crianças-participantes *consideram ridículo em cartas de amor*, ao que o próprio poeta queria aludir, à compreensão da dimensão do ridículo amoroso, e aos seus próprios desenhos infantis que, apesar de serem considerados muito importantes em altura própria serão, posteriormente, considerados como ridículos; reporta as **Qualidades das Cartas de Amor** que especula sobre a possibilidade de proteção do próprio na medida em que evita uma exposição directa e provavelmente incómoda, permite a não identificação, se o destinatário assim o escolher estas cartas permanecem, é uma carta que *não tendo voz induz à voz do outro* no sentido em que a voz do outro é interiorizada aquando da leitura da carta, na carta permanece a *presença do outro* mesmo passado algum tempo; e ainda, especula sobre **O que se revela** numa carta de amor, uma vez que expõe o revelar do outro, dos seus sentimentos, o que se considera certo mesmo que possa parecer ridículo ou que cause embaraço, porém, cumpre a sua função perante a possibilidade de a *carta de amor* vir a executar um determinado destino.

A **9ª Questão** apresenta intersecções internas e externas que a associa à 6ª Questão (**Relação com o tempo**) e à 8ª Questão (**Relacionadas com o tempo**).

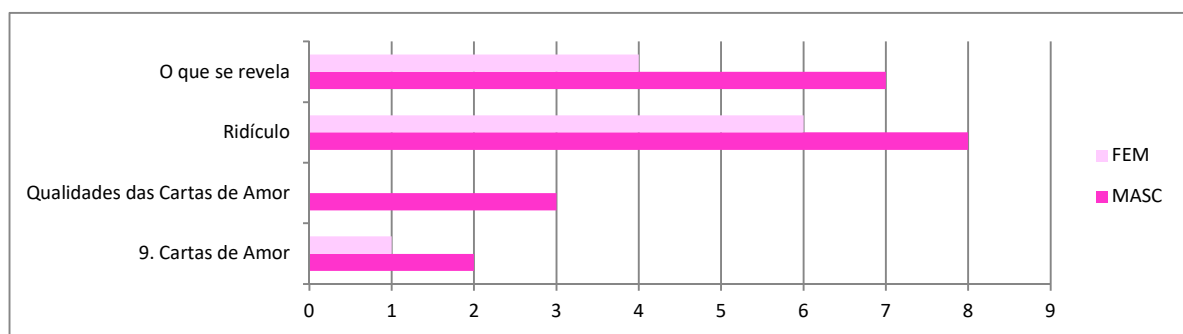


Fig. 47 – 9. Cartas de Amor
(ARDG - Crianças-participantes)

A ARDG (Crianças-participantes) apresenta a questão **9. Cartas de Amor** (Fig. 46) com um grau de relevância diminuto para o género masculino e baixo para o género feminino, constituiu-se da natural ligação à subcategoria **Ridículo** apresenta um grau de relevância alto para o género feminino e elevado para o género masculino, e ainda, associa à subcategoria **Qualidades das Cartas de Amor** com um grau de relevância médio-baixo apenas o género masculino, a subcategoria **O que se revela** que apresenta um grau de relevância alto para o género masculino e médio para o género feminino.

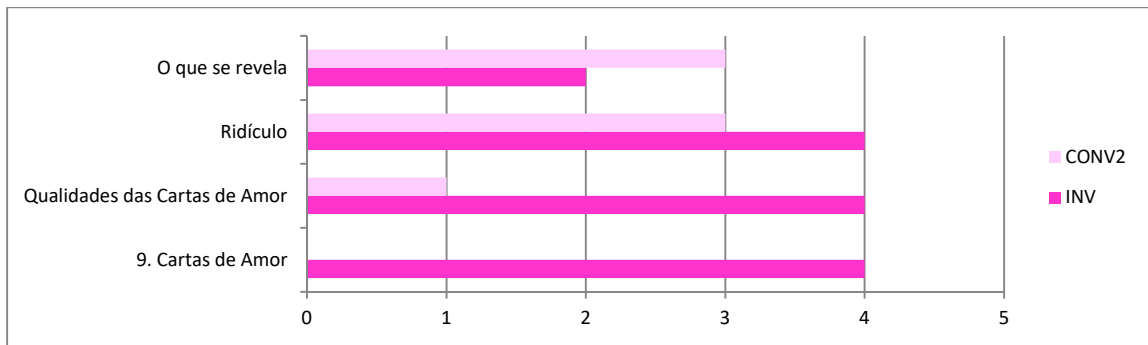


Fig. 48 – 9. Cartas de Amor
(Relevância - Adultos)

A ARDG (Adultos) da questão **9. Cartas de amor** (Fig.48) apresenta uma participação activa e com graus de relevância algo semelhantes para a categoria e suas subcategorias nas intervenções da INV, sendo que esta participação caracteriza-se por um perfil de instigação à estruturação e, no contexto do grau de abstracção a que as crianças-participantes elevaram a discussão, acompanha-las no sentido de as desafiar e assim manter o seu entusiasmo e entrega à mesma.

As intervenções da CONV2, no contexto desta categoria, revelou a preocupação por acompanhar as intervenções da INV, assim, remeteu as argumentações em forma de questão, ora para o próprio, ora para o centro da discussão. Esta categoria estruturou-se com participações perspicazes, atentas, motivadas e de algum modo, acesas, pelo que, as intervenções das facilitadoras reflectiram, de certo modo, essa motivação.

ANÁLISE ETNOGRAFICA DO REGISTO DE VIDEO

Para a AERV desta sessão adoptou-se por uma abordagem dedutiva, na medida em que foi observado um evento específico fortemente conduzido pela questão desta investigação.

Assim, a análise de vídeo procura dar resposta às seguintes questões:

- Relacionar comportamentos com os conteúdos discursivos;
- Demarcar aspectos relacionados com a expressividade oral;
- Que tipo de alteração ocorre nos comportamentos após interrupções ou “Discursos cruzados”;
- Relação com a entrada e desenvolvimento de categorias já assinaladas;
- Sinalizar possíveis categorias da teoria estética relacionadas com critérios comportamentais.

Esta 1ª Sessão decorreu na sala de aula com algumas dificuldades na colocação da câmara de filmar, pelo que não há registo de vídeo de algumas crianças-participantes (nomeadamente IND 3 e por vezes, IND 6). Assim, houve o cuidado de considerar nesta análise o registo áudio e as notas de observação da investigadora.

Análise etnográfica do registo de vídeo

TEMPO	CATEGORIA		ACÇÃO	CONTEXTUALIZAÇÃO	OBSERVAÇÃO
1ºMomento 00:00:14	(Sem categorização)		Montagem da câmara Iniciar a sessão	Quando entrei na sala de aula as crianças-participantes já tinham disposto as mesas em círculo (tal como fazem habitualmente para as sessões de filosofia). Montei a câmara num canto da sala sob os seus olhares atentos e um murmuro de vozes especulava se iriam aparecer na TV. (Não se consegue registar IND 1, IND 3. IND 6 e IND 8 vê-se apenas de costas) À solicitação da INV, IND 4 oferece-se para ler o texto.	Preparação da sessão Expectativa das crianças-participantes Resposta comportamental adaptada ao fenómeno
2ºMomento 00:00:17 00:01:17	(Sem categorização) Agenda da Discussão		Leitura do texto Agenda da Discussão	A leitura do IND 4 foi clara e pausada. Todos seguiam a leitura através dos seus próprios textos. IND 4 leu <i>Butates de Sycione</i> com pronúncia inglesa. IND 2 deixa de ler pelo seu texto antes da leitura do mesmo terminar. Crianças-participantes são convidadas a reflectir sobre o texto que leram. IND 6 levanta o dedo mas passa de imediato para o comentário do texto. Voz forte e Comportamentos determinada.	Leitura e análise do texto Perfis comportamentais Comportamento alheado (desviado) (Regra da discussão: dedo no ar) Comportamento bem demarcado
00:01:24 00:02:44			Colocação de questão	IND 6 lança 1ª questão. Tomás levanta o dedo e aguarda. IND 5 pede para ir à casa de banho (comentário atrevido). IND 8 lança a 2ª questão. IND 8 mantém dedo no ar. IND 6 levanta-se e sai da sala sem pedir (foi à casa de banho). IND 2 sorri à questão do IND 8. Os restantes observam-me enquanto escrevo a questão no quadro. IND 6 chega da casa de banho senta-se e começa a cantarolar.	Dinâmica comportamental (Saída) testar limites da INV: insolência, sem autorização, cantarolar (Regra da discussão: dedo no ar) (Saída)
3ºMomento 00:03:34	Discussão T Cerâmica		Desvio à Discussão	IND 3 intervém com uma entoação algo ingénua para a questão que coloca uma vez que já sabe a resposta. IND 1 questiona IND 3 (desmascara situação)	Dinâmica comportamental (denúncia de situação e regresso à Discussão)

00:05:34			INV Regresso à discussão	IND 5 chega e senta-se no seu lugar. INV pede regresso à análise do texto. IND 6 intervém imediatamente.	(alguma agitação) INV Comportamentos objectividade: regresso à Discussão
00:05:40	1º Descobrir			IND 7 abre subcategoria 1º a Descobrir . Mostra-se interessada e procura cativar a atenção da INV. IND 4 mostra-se interessado enquanto balança com a cadeira e a encosta contra a parede.	Dinâmica de grupo (IND 7 procura cativar INV) (argumentações acesas)
00:06:00	Desenho			IND 4 inicia subcategoria Desenho IND 7 brinca coma folha IND 6 interrompe 3 vezes a discussão para estruturar base da sessão. IND 2 parece alheado, IND 4 baloiça-se, IND 8 está atento e responde às sugestões da INV. 1ª Contextualização do texto INV	Dinâmica comportamental (registam-se movimentos individuais constantes que aparentam alheamento face ao que se está a passar, contudo IND 8 responde de imediato à interpelação da INV) 1ª Contextualização do texto INV
00:06:00			Relevo Retrato Desenho	INV contextualiza	
00:06:00			Retrato T. Cerâmica		
00:8:30	Agenda da Discussão Relevo Retrato Desenho 1º Descobrir T. Cerâmica Memória	(Entradas múltiplas)		Inicia-se as respostas à Agenda da Discussão Crianças-participantes mostram-se atentas, mas algo agitadas, há muitos ruídos de fundo provocado pelos seus movimentos, alguém está a cantarolar e vão-se entretendo com partes dos seus próprios corpos (brincar com as mãos., baloiçar com a cadeira, deitar-se sobre a mesa, brincar com folha de papel), enquanto IND 6 responde à 1ª questão da Agenda da Discussão colocada por si. Estes comportamentos, contudo, não revelam que estejam alheados do que se está a passar porque intervém com alguma pertinência. 2ª Contextualização do texto INV. IND 7 procura o estojo. IND 3 contextualiza texto.	Dinâmica comportamental (aos poucos, por imitação, todos aderem a actividades isoladas: desenham nas folhas do texto) (Registo de alheamento aparente) IND 3 contextualização do texto
				IND 3 contextualização	

00:10:53	T. Cerâmica		IND 6 intervém com nova entrada da subcategoria Técnica da cerâmica (<i>ceramicar</i>).	Dinâmica comportamental (registo de alheamento aparente: IND 4 bufa, IND 7 desenha, IND 2 brinca com folha. IND 8 participa, mas deita a cabeça sobre a mesa.
00:12:05	Pintar	INV persuade	INV retoma comentário de IND 8 dando origem à subcategoria Pintar	INV Comportamentos persuasão: por acentuação de ideia
00:12:07 00:13:14 00:13:29		Interrupção exterior	1ª Interrupção da sessão pelo Prof Francisco (mãe do IND 5 veio buscá-lo) Em silêncio assistem à entrada da mãe do IND 5 e despedem-se. IND 7 acena para a câmara e IND 6 pergunta se vão aparecer na TV. Retorno à discussão.	Dinâmica comportamental (1º registo de denuncia efectiva de estranheza face ao fenómeno)
00:13:30	Retrato	INV instiga	Entrada da subcategoria retrato através de pergunta da INV. IND 2 pede para ir beber água. Comportamentos mantêm-se idênticos: aparente alheamento em relação ao que se passa. IND 7, IND 6 desenharam. IND 8 constrói argumentação à medida que vai falando, expressa-se com hesitações, procura combinações lógicas.	Dinâmica comportamental INV Comportamentos instigação através da colocação de questão (Saída) (registo de alheamento aparente) IND 8 construção de argumentação lógica
00:14:00	Desenho	Retrato	Passagem da subcategoria Retrato para Desenho através de intervenção da IND 3 que se caracteriza por ter uma argumentação dita em voz moderada, ponderada, e bem estruturada. IND 7 intervém sobrepondo a sua voz às dos outros. Pretende dar outras contextualizações possíveis para o comentário da IND 3: a sua voz apresenta flutuações de volume e termina muitas vezes com um tom quase irónico. IND 2 regressa. IND 6 interrompe sessão para mostrar desenho que esteve a desenhar na folha do texto. Vira a folha de papel para os colegas porque a sua intervenção baseia-se nos perfis que esteve a desenhar	IND 3 mudou registo de voz, argumentação forte IND 7 tom de voz com entoações irónicas, apoia as suas intervenções a partir da intervenção de outros. IND 6 tom de voz elevado e algo teatral e impositivo.

00:16:37				Para exemplificar o que é o esboço IND 6 manda colega da frente IND 4, colocar-se em perfil. IND 4 obedece. As restantes crianças-participantes mantêm-se nas suas tarefas de aparente alheamento, apenas IND 8 parece prestar verdadeira atenção a esta explicação.	
00:18:53			Desvio à Discussão	<p>IND 2 comenta com IND 4, não arrisca intervir na Discussão. Levanta-se e vai buscar o estojo para desenhar.</p> <p>IND 6 continua a sua explicação desenhando na folha (Comportamentos e tom algo irreverente).</p> <p>Volume das vozes eleva-se. As intervenções tornam-se mais agitadas. IND 2 afia o lápis no seu lugar. IND 4 e IND 8 são os únicos que não desenharam. IND 4 deita-se sobre a mesa.</p> <p>IND 6 contra-argumentar com alguma avidez, contudo na construção da argumentação apercebe-se que n tem razão. IND 7 sorri. IND 2 parou de desenhar.</p> <p>Desviam-se da Discussão para procurar estabelecer o formato dos seus próprios rostos.</p> <p>INV contextualiza vários comentários Desenho.</p>	<p>Dinâmica comportamental (comportamentos agitados)</p> <p>IND 6 contra-argumenta de modo aceso mas no fim reconhece que está errado e que a IND 7 tem razão.</p> <p>Dinâmica comportamental (desviam-se da discussão)</p> <p>INV Comportamentos objectividade: enquadra várias entradas sobre temática Desenho</p>
00:19:48				Discursos cruzados	Dinâmica comportamental (sobreposição de vozes)
00:20:00	1º Descobrir	INV instiga		<p>INV retoma questão da invenção.</p> <p>Comportamentos retomam ao seu registo de alheamento aparente.</p> <p>IND 1 desenha na folha do IND 2.</p> <p>Não levantam as mãos para dar entrada na discussão. Levantam tom de voz e alguém cede. Tons de vozes tornam-se mais elevados quando intervêm para apresentar determinada posição argumentativa. Nesta altura olhares viram-se para a IND 7 que demonstra de modo incisivo a sua posição.</p>	<p>INV Comportamentos instiga objectividade</p> <p>Dinâmica comportamental (registo de alheamento aparente)</p> <p>Argumentação acesa</p>

00:21:44			Discursos cruzados	Dinâmica comportamental (sobreposição de vozes)
00:21:54	Desenho		IND 6 volta a exemplificar com desenho que fez na folha a sua argumentação. Ouvem-se risos como reacção ao seu tom de voz de altivez pomposa. IND 7 que desenha olha-o de esguelha e IND 2 pára de desenhar para olhar também. IND 4 mantém-se a baloiçar mas olha atento. IND 1 desenha.	Dinâmica comportamental (comportamento desviante de atenções)
00:22:22		Desvio à Discussão	Discursos cruzados (troça, risota e deslocados da Discussão)	Dinâmica comportamental (sobreposição de vozes)
00:23:05	Desenho	Relevo A. Discussão	Discussão agitada, sobreposição de vozes. 3ª Contextualização do texto INV	Dinâmica comportamental (comportamentos agitados e sobreposição de vozes)
00:23:52	(Entradas múltiplas) T. Cerâmica Relevo A. Discussão Desenho Retrato Pintar	INV contextualiza	IND 1, IND 2 e IND 4 formam um “triângulo” à parte. IND 7 e IND 3 também comentam entre si. Comportamentos algo agitados e tons de vozes elevados para imposição do terreno para intervir. 4ª Contextualização do texto INV INV pede para intervirem e de imediato começaram a intervir sobrepondo e elevando as vozes. IND 4 levanta a mão enquanto fala alto e de modo agitado. IND 7 grita e abra os dois braços. IND 6 comenta em voz alto o desenho que está a fazer	Dinâmica comportamental (comportamentos agitados e sobreposição de vozes)
00:26:08	(Filosofia)	Comentário desviado da Discussão	IND 6 comenta que nunca se consegue dar resposta a todas as questões da Agenda de Discussão . (interrompe a discussão – Comportamento algo atrevido). IND 4 levanta-se e vai buscar estojo	Dinâmica comportamental (Comportamento desviante)
00:26:23			Discursos cruzados	Dinâmica comportamental (sobreposição de vozes)
00:27:12	Retrato	INV Objectiva	Todos desenharam menos o IND 8. INV Enquadramento das intervenções Contextualização do texto (IND 3 e IND 7)	INV Comportamentos objectividade IND 3 e IND 7 contextualizam Dinâmica comportamental (Comportamentos alheados)

			Comportamentos aparentemente alheados e tons de vozes elevados para ganharem espaço de intervenção.	
00:28:45		Interrupção exterior	Interrupção de funcionária	
00:29:00 00:30:29	Retrato		<p>Interrupção da funcionária não afectou a Discussão, as crianças-participantes continuaram a discussão por elas mesmas sem necessidade de intervenção por parte da INV.</p> <p>Os comportamentos mantêm-se aparentemente alheados contudo os tons de vozes serenaram e as intervenções têm entradas pacíficas, respeitadoras da ordem da discussão.</p> <p>Intervenções de cariz emocional e muito personalizadas.</p> <p>INV intervém para dar um sentido mais abstracto à questão em Discussão.</p> <p>IND 6 com intervenção de cariz muito emocional.</p> <p>Vozes elevadas e agitadas. (IND 8 espreitar directamente para a câmara de filmar. Estão todos a desenhar excepto o IND 8. IND 8 ao espreguiçar-se sobre a mesa deixa cair objecto. IND 6 levanta-se e apanha-o mantendo a sua intervenção na Discussão.)</p> <p>Retorno ao silêncio e à partilha correcta do espaço da Discussão</p>	<p>Dinâmica comportamental (interesse intrínseco à Discussão) (comportamentos atentos e motivados)</p> <p>(Narrativas pessoais muito emotivas) INV Comportamentos objectividade flexível: abstracção</p> <p>(alteração de comportamentos: agitação)</p>
00:31:06			Discursos cruzados	Dinâmica comportamental (sobreposição de vozes)
00:31:21	Retrato	INV instiga	PAUSA, ninguém fala. INV intervém para comentar o facto de estarem todos a fazer desenhos. IND 7 comenta e IND 8 levanta-se e baloiça-se de um lado para o outro. Restantes crianças-participantes mantêm-se a fazer desenhos.	Dinâmica de grupo (interiorização / alheamento efectivo) INV Comportamentos instigadora: regresso à Discussão
00:31:58		INV instiga INV empática	<p>A Discussão retoma com intervenção do IND 8 solicitada pela INV.</p> <p>IND 8 fala em pé, com tom de voz elevado enquanto agita estajo.</p> <p>INV pede a IND 1 e IND 2 para intervirem. IND 2 mantêm-se calado e sorri. IND 1 comenta dentro do contexto.</p> <p>IND 4 dá apoio à intervenção de IND 1 enquanto se mantém a desenhar.</p>	<p>INV Comportamentos instigadora: solicita intervenções específicas</p> <p>INV Comportamentos empatia: tom de voz</p>

			IND 7 e IND 2 sorriem. IND 2 prepara-se para intervir mas sorri acanhado e fica em silêncio.	Dinâmica comportamental (empatia de grupo, boa disposição)
00:33:06			Discursos cruzados	Dinâmica comportamental (sobreposição de vozes)
00:33:36	Retrato		Intervenções sobrepostas. Mantém-se a desenhar excepto IND 8 e IND 6. INV pede para alguém fazer o ponto da situação: IND 6 responde de imediato. Risos e comportamentos agitados.	Dinâmica comportamental (comportamentos agitados e aparentemente alheados) INV Comportamentos integração no grupo de participantes na Discussão
00:35:15			Discursos cruzados (INV intervém para dar espaço à intervenção da IND 3)	Dinâmica comportamental (sobreposição de vozes) INV “arbitra”
00:36:23	Retrato		Intervenção da IND 3 muito emocional. IND 8 e IND 6 brincam. IND 8 atira pioneses ao IND 6. IND 1 fala em surdina. Comportamentos agitados.	Dinâmica comportamental (Narrativas pessoais muito emotivas) (comportamentos agitados e alheados)
00:38:10			Discursos cruzados (INV menciona CONV1 - risos)	Dinâmica comportamental (sobreposição de vozes) INV empática
00:38:33	Retrato	Memórias	IND 3 retoma a questão com intervenção bem estruturada fazendo com que todos serenem para a conseguir ouvir. Dá entrada à subcategoria Memória . IND 2 sorri. Todos os outros mantêm-se a desenhar. IND 8 e IND 1 comentam entre eles.	Dinâmica comportamental (Narrativas bem estruturadas) (comportamentos serenos e atentos)
00:39:11			Discursos cruzados	Dinâmica comportamental (sobreposição de vozes)
00:39:17	Retrato	Memórias	Apesar das interrupções, IND 3 mantém uma intervenção serena e construtiva, com entradas que se revelam perspicazes. IND 7 sorri e tenta interromper. INV intervém permitindo que IND 3 complete a sua intervenção. Comportamentos mantêm-se (todos desenham).	Dinâmica comportamental (Narrativa bem estruturada e voz bem colocada) (comportamentos agitados com tendência à imposição)

				INV Comportamentos: “arbitra” Dinâmica comportamental
00:40:13		Entrada da CONV 2	Entrada da CONV 2 (Discursos cruzados)	Dinâmica comportamental (sobreposição de vozes)
00:40:30	Memórias	1ª Intervenção da CONV 2	INV retoma Discussão apresentando salientando pormenores da intervenção da IND 3. Entradas de narrativas pessoais. Todos ficam atentos ao relato da IND 3. IND 4 comenta em surdina. Santo eleva tom de voz dar ganhar espaço de intervenção – é travado por INV e CONV 2. Não consegue. IND 8 e IND 6 brincam descaradamente. Restantes mantêm-se a desenhar.	Dinâmica comportamental INV Comportamentos: objectividade e instigação (comportamentos atentos e outros desviantes) (elevação de voz com tendência à imposição)
00:45:09			1ª Intervenção da CONV 2. IND 4 e IND 7 põem dedos no ar. Comportamentos alteram-se com a entrada da CONV 2.	
00:46:47			IND 4 intervém de um modo mais sereno, gentil, baloiça a cadeira e fala muito com as mãos. IND 6 intervém num tom de voz mais baixo e com entoações cativantes. IND 8 recorre à lógica. Todos olham a CONV 2 quando esta intervém e querem dar resposta às suas intervenções. Voltam à sobreposição de vozes para conquistar território de intervenção. IND 3 sai para ir à casa de banho. IND 8 brinca com mica. IND 4 está atento e coloca dedo no ar. Diálogo apenas entre a CONV 2 e IND 6 muito extenso. IND 3 regressou à sala. IND 4 desiste e baixa o braço. IND 7 coloca dedo no ar exageradamente. IND 2 sorri a brincadeira do IND 4. IND 1 continua a desenhar. IND 4 levanta o dedo de novo. Intervenção da IND 7 foi um relato pessoal. IND 4 argumenta procurando estruturar experiências reais abstractas	(mudança de comportamento: serenidade) (IND 8: argumentação lógica) (elevação de voz com tendência à imposição) (Saída) (Regra da discussão: dedo no ar) (Regras da discussão: diálogo a dois) (Narrativa pessoal explícita) (Narrativa pessoal implícita)

00:49:04	Cartas Amor		IND 7 volta a levantar o dedo efusivamente. A sua intervenção abre a subcategoria Cartas de Amor . Troca de ideias entre a IND 7 e a CONV 2. IND 7 estrutura a sua argumentação com menos perspicácia em relação ao fez no início da discussão.	(Regra da discussão: dedo no ar) (Regras da discussão: diálogo a dois) (IND 7: discurso menos perspicaz)
00:50:16			Discursos cruzados	Dinâmica comportamental (sobreposição de vozes)
00:50:22 00:53:36	Cartas Amor	Retratos	Entrada do IND 4 em tom elevado com contra-argumentação perspicaz. Os intervenientes nesta fase da Discussão mostram-se atentos às exposições lógicas e as argumentações tomam um tom mais forte. IND 1 brinca com IND 2 INV procura que relacionem cartas de amor e retratos. IND 1 cantarola.	Dinâmica comportamental (IND 4: contra-argumentação forte) (Comportamentos atentos e intervenções perspicazes) INV Comportamentos instigadora
00:54:17			CONV 2 intervém para chamar IND 1 a atenção acerca da sua falta de participação. Interrupção da discussão. IND 3 vai buscar o estojo e começa também a desenhar. Discursos cruzados. Crianças-participantes em actividades isoladas dispersam atenção. CONV 2 dirige-se à INV com intervenção deslocada da discussão.	Dinâmica comportamental (CONV 2 instiga comportamento) (comportamentos dispersos) (CONV 2 intervenção paralela)
00:55:40	Cartas Amor		IND 6 vai à casa de banho. INV retoma discussão e lança desafio associando de novo a Carta de Amor e ao Retrato . Comportamentos aparentemente alheados em relação ao que se está a dizer. Sobreposição de vozes para ganhar território na discussão. IND 8 coloca o dedo no ar e dá nova entrada à subcategoria Relevô.	Dinâmica comportamental (Saída) (comportamentos aparentemente alheados) (Regra da discussão: dedo no ar)
00:57:14			Discursos cruzados	Dinâmica comportamental (sobreposição de vozes)
00:57:27	Cartas Amor		Intervenção da investigadora retoma subcategoria Cartas de Amor . Intervenções com tom de voz elevado. Intervenção muito variada com participação de várias crianças-participantes.	Dinâmica comportamental INV Comportamentos instigadora e objectividade

		Memórias Relevo Retrato		IND 7 ausente.	(participações acesas) (Comportamentos alheadas)
00:58:17 01:00:47	(Entradas múltiplas)	Retrato Memórias Cartas Amor Desenho		IND 6 regressa da casa de banho. Senta-se e ouve com atenção o que está a ser dito. IND 8 assume argumentação acesa. Comportamentos agitados. INV associa linha do desenho do retrato à linha da escrita presente na carta Momento de silêncio e atenção generalizada passa a agitação e elevação de vozes	Dinâmica comportamental (participações acesas) (comportamentos agitados) INV Comportamentos instigadora e objectividade (alteração brusca de comportamentos)
01:02:05		Pintar		Na estruturação da sua argumentação IND 3 dá entrada a entrada da subcategoria pintar . Comportamentos algo agitados mas em silêncio. IND 6 boceja. IND 8 com dedo no ar. IND 1 corre em direcção à janela para ajudar a fechá-la (sol entra ferozmente pela janela a esta hora).	Dinâmica comportamental (IND 3 intervenção perspicaz) (comportamentos agitados mas silenciosos) (Regra da discussão: dedo no ar) (comportamento empático)
Registo de vídeo termina mas a discussão continua por mais 20 min.					
REGISTO DE SOM (rectificação do tempo para mais 00:01:10)					
01:02:53		Desenho		CONV 2 refere o jornal de parede	CONV 2 intervenção indutiva
01:03:14				Discursos cruzados	Dinâmica comportamental (sobreposição de vozes)
01:03:20		Desenho		IND 7 levanta-se e dirige-se ao quadro para exemplificar como desenhavam em crianças-participantes. IND 6 também desenha no quadro. Comportamentos muito agitados.	Dinâmica comportamental (alteração física) (comportamentos agitados)
01:04:32				Discursos cruzados	Dinâmica comportamental (sobreposição de vozes)
01:04:40 01:06:34 01:06:52		Desenho		Intervenção da INV. Conversa a dois: CONV 2 e IND 1. (tema da Torre) INV reintroduz o ridículo associado aos sentimentos em torno dos desenhos de infância.	Dinâmica da discussão: diálogo a dois INV Comportamento instigadora

			Intervenção pertinente da IND 3 com a argumentação em torno do olhar, de como evolui.	(IND 3 exposição perspicaz)
01:07:31			Discursos cruzados	Dinâmica comportamental (sobreposição de vozes)
01:07:32	Desenho		IND 1 contra-argumenta com igual pertinência. Duas opiniões apresentadas em argumentações bem estruturadas e defendidas com alguma ferocidade mas com um enorme respeito, sem interrupção. Recurso a exemplos de desenhos de colegas	Dinâmica comportamental (IND 1 contra-argumentação perspicaz) (entusiasmo)
01:10:38			Discursos cruzados	Dinâmica comportamental (sobreposição de vozes)
01:11:18	Desenho		CONV 2 refere visita ao Jardim do Tropical para desenharem árvores que fez com que os seus desenhos se alterassem.	CONV 2 intervenção indutiva
01:11:53			IND 7 levanta-se para desenhar flor no quadro. Discursos cruzados. Risos do IND 1.	Dinâmica comportamental (alteração de comportamento físico e sobreposição de vozes)
01:12:42 01:14:00 01:21:16	Desenho		INV menciona as horas. INV exemplifica fenómeno relatado no texto com o perfil da CONV 2 e a luz do sol que entra pela janela da sala. Crianças-participantes aderem e prestam atenção à explicação. Todos levantam-se das mesas e aproximam-se. Final de sessão animado e com algumas risadas.	INV Comportamentos: moderação INV Comportamentos: indução e empatia

RETRATOS E ANÁLISE DE PARTICIPAÇÃO POR INDIVÍDUO (Crianças-participantes e Adultos)

A elaboração do retrato de cada indivíduo-participante constituiu-se a partir da teoria revelada pela ARDG e pela AERV (observação comportamental da participação de cada indivíduo e da dinâmica de grupos gerada) que permitiu ganhar uma maior sensibilidade às questões comportamentais.

Esta análise conjunta dos RAPI (Criança-participantes e Adultos) auxilia na definição do contributo de cada indivíduo na constituição das subcategorias sinalizadas na ARTD. Posteriormente, poderá vir a apoiar a possível compreensão do contributo das sessões de filosofia direccionadas para as obras de arte; na evolução qualitativa da participação dos indivíduos; e, da constituição do seu saber.

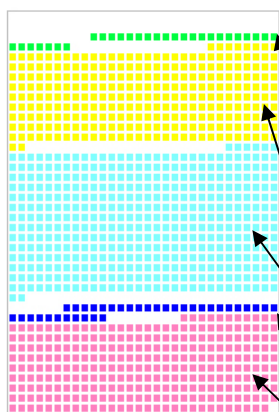


Fig. 49 – IND1 (Masculino)

O IND 1 revelou alguma falta de participação inicial que se verifica pela ausência de entradas para as subcategorias que surgiram no início da sessão. O seu comportamento revela-se frequentemente alheado dos conteúdos em discussão e mantém uma “parceria” de distração para outras actividades paralelas, como desenhar com o IND 2 que está ao seu lado.

Surgem as suas primeiras intervenções na subcategoria **Primeiro a descobrir** mas que revelam uma incidência muito baixa. Posteriormente, intervêm com uma maior consistência nas subcategorias **Retrato** e **Desenho**. Volta a revelar intervenção diminuta na subcategoria **Memórias** e uma maior participação na subcategoria **Cartas de Amor** após intervenção da CONV2, que o incitou a participar.

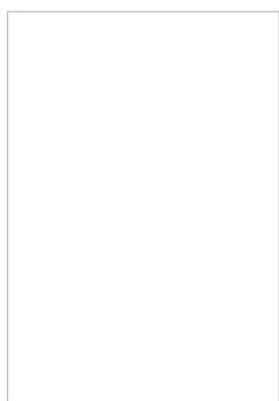


Fig. 50 – IND 2 (Masculino)

O IND 2 iniciou o seu processo escolar na Cooperativa A Torre no ano lectivo anterior, não está muito familiarizada com a dinâmica associada a uma sessão de Filosofia, pelo que, ainda não revela grande disposição para participar.

Manteve-se em actividades distractivas em conjunto com o IND1 e, posteriormente, com o IND 4.

A análise de vídeo revelou que está algo atento ao que se passa e ao que é dito pelos colegas porque as suas expressões faciais registam um ligeiro sorriso aquando de intervenções mais acaloradas.

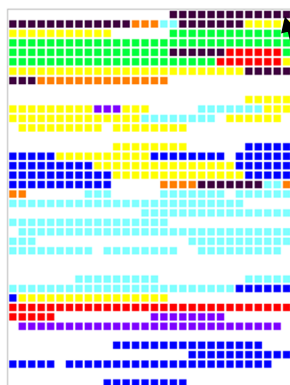


Fig. 51 – IND 3 (Feminino)

A IND 3 revelou uma participação muito activa, atenta e pertinente, tendo mesmo sido ela a iniciar argumentações mais estruturadas.

Usa modulações de voz algo teatrais, com flutuações do volume que surtem o efeito desejado - atenção dos colegas. Apresenta intervenções muito sensíveis e de cariz muito pessoal (narrativas pessoais).

Responsável pela 4ª questão da **Agenda da Discussão**.

Com uma participação constante, o vigor das suas intervenções surge pontualmente revelando-se, consequentemente, como a mola impulsora dos temas em debate.

As suas argumentações revelam um carácter bastante pertinente que elevam a dinâmica da discussão numa espécie de espiral evolutiva.

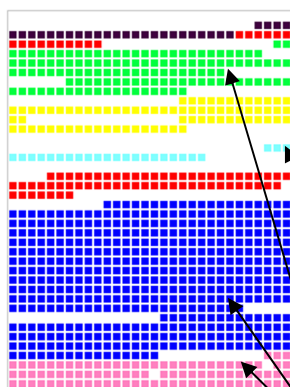


Fig. 52 – IND 4 (Masculino)

IND 4 mostra-se colaborativo, participativo e atento às regras de comportamento da filosofia (coloca o dedo no ar com frequência). O seu comportamento revela alguma inquietação física (inclina constantemente a cadeira para baloiçar), contudo, está atento. Participa com respostas e demonstra capacidade de argumentar ou contra-argumentar com moderada ferocidade. Participa nas estruturações das categorias: **Agenda da Discussão** e abre a subcategoria **Desenho**.

Altera o seu comportamento a meio da discussão quando decide participar nas actividades paralelas do IND1 e IND2.

Apresenta uma participação coerente em especial nas subcategorias **Primeiro a descobrir**; **Memórias** e **Cartas de Amor**.

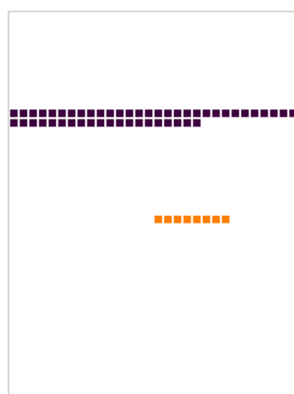


Fig. 53 – IND 5 (Masculino)

IND 5 saiu mais cedo com a mãe que o veio buscar. Tinha partido a cabeça no recreio contudo, participou com um sentido/atitude algo atrevida, enquanto esteve presente.

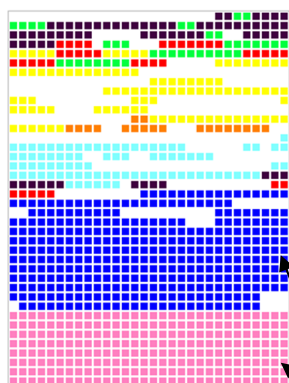


Fig. 54 – IND 6 (Masculino)

IND 6 apresenta um carácter forte, algo atrevido, e o seu tom de voz grave é usado de modo apelativo e divertido para com os colegas. Interrompe com frequência os colegas garantir espaço na discussão para as suas intervenções. Estas interrupções não são coniventes com um modo frequentemente jocoso, pelo que os colegas aceitam bem as contínuas interrupção.

A sua linguagem corporal é muito activa, quase inquieta.

Manteve uma participação constante e coerente desde o início até ao fim da **Discussão** na estruturação de todas as temáticas, à excepção da **Pintura**.

As suas argumentações sedimentam frequentemente as entradas temáticas iniciadas pela IND 3 e é capaz de intervenções sensíveis e de cariz muito pessoal (narrativas pessoais).

É um elemento forte no sentido em que dinamiza a participação dos colegas.

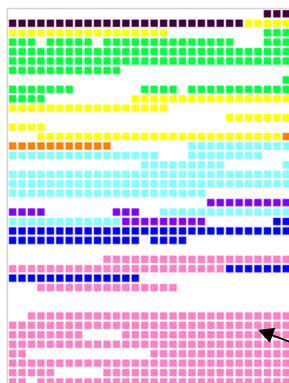


Fig. 55 – IND 7 (Feminino)

IND 7 apresenta uma personalidade algo complexa.

A sua participação é activa mas apresenta algumas flutuações, isto é, as suas participações são intervaladas por longos silêncios.

Atenta, por vezes cumpridora das regras de comportamento da filosofia (coloca o dedo no ar com frequência), interrompe com frequência os colegas.

Funciona como um possível espelho que reflecte o que está a ser dito. Por vezes, apanha os raciocínios da IND 3 e continua-os.

Muito atenta e participativa na entrada em discussão do tema **Cartas de Amor**.

Esta *criança-espelho* procura um lugar próprio para si mesma na **Discussão**.

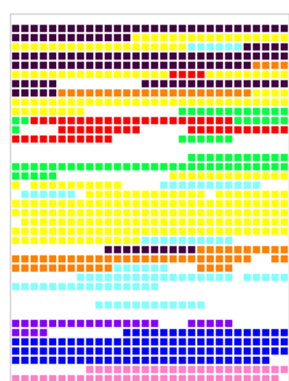


Fig. 56 – IND 8 (Masculino)

IND 8 participa activamente na discussão. Os seus comportamentos são serenos e o seu tom de voz grave e de compassos aleatórios que lhe conferem, por vezes, uma modelação algo estranha. As suas intervenções causam o efeito de prender a atenção dos colegas e muito sempre respeitado. As suas argumentações são construídas à medida que vai falando, hesita e recomeça à procura de combinações lógicas que se adaptem ao que está a ser discutido. Procura contribuir com algo mais e por isso, tal como o IND 6, participa na sedimentação dos temas em discussão. Contra-argumenta ferozmente.

Assinalam-se poucas intervenções associadas à subcategoria **Desenho**. (participa muito nos momentos de transição)

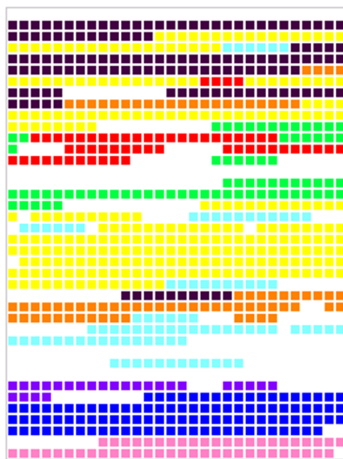


Fig. 57 – CONV2 (Feminino)

A CONV2 apesar de ter entrado mais tarde na **Discussão** (aquando das entradas para a subcategoria **Memórias**) a integração do texto bem como nas dinâmicas da moderação foi imediata.

As suas intervenções abrangeram todas as áreas temáticas anteriormente abordadas, o que terá sido perfeitamente natural uma vez que manteve um acompanhamento cuidado e associado ao discurso das crianças-participantes.

A CONV2 pode ter experimentado a necessidade de organizar em si mesma as ideias suscitadas pela recente leitura do texto, e por associação, ter ficado mais predisposta e sensível aos termos e ideias apresentadas nas intervenções das crianças-participantes e da INV.

A sua presença fez com que os comportamentos se alterassem: os tons voz e os movimentos corporais tornaram-se mais serenos com a entrada de intervenções mais sensíveis e de cariz pessoal.

Apresenta uma moderação com algumas intervenções indutivas, em questões de cariz mais pessoal ou sensível.

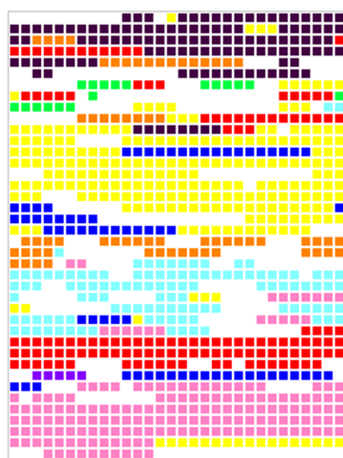


Fig. 58 – INV (Feminino)

A INV revela demasiada preocupação com a interpretação do texto, nas intervenções que sucederam e pouca atenção ao registo da **Agenda de Discussão** (as entradas dispersas, dificultaram a sua melhor estruturação).

Procurou estar atenta às variações de comportamento, às solicitações de inscrição na discussão e à dinâmica das conversas cruzadas.

Alguns registos de instigação à objectividade e intervenções indutivas por querer promover uma melhor interpretação do texto.

(Talvez este comportamento seja o maior responsável pelo aparecimento de zonas de contextualização – o que determina a dinâmica da própria discussão. A ver se é vantajoso ou não, e verificar que prejuízo pode causar na dinâmica da discussão.)

CONCLUSÕES FINAIS

A análise à estrutura desta discussão permitiu considerar quatro momentos distintos na dinâmica da mesma:



Fig. 57 - RRTD1A

Legenda:

Subcategorias da Discussão	Questões derivadas da Análise da Discussão
Agenda da Discussão	1. Porque é que Butates colocou argila sobre o esboço?
Técnica da cerâmica	2. Porque é que se deixa secar e depois vai ainda ao fogo?
Relevo	3. Como é que ganhou relevo?
Primeiro a descobrir	4. Primeiro a descobrir (Invenção)
Pintar	5. Fica mais parecido se pintar?
Retrato	6. Para que servem os retratos?
Desenho	7. Porque é que se desenha?
Memórias	8. O que fica na memória?
Cartas de Amor	9. Cartas de Amor

INTERPRETAÇÃO

A **Agenda da Discussão** baseou-se nos dados fornecidos pelo texto. Nesta fase inicial os comportamentos revelaram-se ambivalentes, houve comportamentos de preocupação com o cumprimento das regras da Filosofia com Crianças tais como: inscrição na **Discussão** através do dedo levantado e outros de sobreposição de voz. Registaram-se também comportamentos de carácter empático por parte de crianças-participantes do género feminino que contrastaram com outros comportamentos de crianças-participantes do sexo masculino, como o pedido de ida à casa de banho seguido de comentário insolente, saída da sala sem pedido de autorização com regresso a cantarolar. Estes comportamentos revelam a natureza ambivalente da dinâmica comportamental do grupo nesta fase da discussão, ou seja, a necessidade de cativar e de “testar” os limites da INV.

CONTEXTUALIZAÇÃO

A subcategoria **Técnica da Cerâmica**, num primeiro instante, emergiu do afastamento dos assuntos emergentes da discussão, porém, apesar da sua baixa relevância, revelou-se de extrema importância pois permitiu às crianças-participantes uma contextualização mais realista dos dados fornecidos pelo texto. Esta subcategoria encontra-se nos dois primeiros momentos de passagem ou flutuantes (momentos de contextualização) que operaram na dinâmica da discussão como molas impulsionadoras para a consolidação de discursos narrativos de cariz pessoal, real ou virtual. No que diz respeito à dinâmica de grupo, nestes momentos de passagem ou flutuantes, reconheceu-se uma certa repetitividade de comportamentos com registos de movimentos individuais constantes, de aparente alheamento e com um maior número de registos de discursos cruzados, contudo, as crianças-participantes deram sempre resposta imediata às solicitações e/ou intervenções da INV.

A subcategoria **Relevo** surgiu em associação à 3ª Questão da **Agenda da Discussão** e apesar de apresentar um grau de relevância diminuto, encontra-se nos três *momentos de passagem* sinalizados nesta sessão. De referir ainda que o terceiro momento de entrada desta subcategoria, e que coincide com o último momento de passagem da discussão, assegurou a sinalização da contextualização de fenómenos de origens teóricas diferentes, o que permitiu assegurar a conceptualização do que consideram ser os momentos de passagem ou flutuantes da **Discussão**.

No que diz respeito ao enquadramento na dinâmica de grupo, considera-se que se manteve idêntico ao já referido para a subcategoria **Técnica da cerâmica**: registos de movimentos individuais constantes de aparente alheamento e com um maior número de registos de discursos cruzados, e com respostas imediatas às solicitações dos facilitadores.

A subcategoria **Primeiro a Descobrir** surge como resposta a intervenção da INV. Com um grau de relevância muito baixo surge no primeiro momento de passagem ou flutuante da **Discussão**, e no primeiro momento de discurso com estruturação narrativa. É ainda de referir que nesses momentos verificaram-se 5 registos de entradas, nos quais a subcategoria **Experimental** mantém uma presença constante, pelo que se constitui um elo estruturante de ligação. No que diz respeito à dinâmica de grupo enquadra-se nos parâmetros referidos anteriormente.

De todas as subcategorias referenciadas, nesta análise, a subcategoria **Desenho** apresenta a estrutura mais complexa e de maior relevância. Surge no primeiro momento de passagem ou flutuante da **Discussão** com entradas inicialmente dispersas mas que se condensam no primeiro e últimos momentos de discurso com estruturação narrativa. Neste primeiro momento de passagem ou flutuante, a presença de entradas para a subcategoria **Desenho** caracteriza-se, tal como foi mencionado anteriormente, pela necessidade de contextualização dos dados do texto. No que diz respeito à dinâmica de grupo mantém-se o perfil referido anteriormente.

A subcategoria **Retrato** é a segunda subcategoria com maior expressividade na **Discussão**. Surge em 3 momentos distintos da **Discussão**: no primeiro momento de passagem ou flutuante, como terceiro discurso narrativo e no último momento de passagem ou flutuante da **Discussão**.

Os momentos de passagem ou flutuantes da **Discussão** revelam entradas diminutas e de estrutura algo disseminadas, o que salienta o seu carácter transaccional. A dinâmica de grupo mantém o seu enquadramento.

A subcategoria **Pintar** apresenta uma estrutura simples e de expressão diminuta na **Discussão**, o que sugere que a temática pintar não suscitou grande motivação para a **Discussão**. Sobrevém no primeiro momento de passagem ou flutuante e encontra-se integrada nos dois momentos de discurso narrativo da subcategoria **Desenho**. A dinâmica de grupo enquadra-se no contexto referido anteriormente.

DISCURSO COM ESTRUTURAÇÃO NARRATIVA

A subcategoria **Primeiro a Descobrir** deu início no primeiro momento de passagem ou flutuante da **Discussão**, contudo, foi no seu segundo momento de entrada que se verificou o primeiro momento de discussão com alguma pertinência na estruturação da argumentação, ou seja, no primeiro momento de discurso com estruturação narrativa. No que diz respeito à dinâmica de grupo registou-se o primeiro momento de discussão acesa que potenciou a estruturação de diferentes pontos de vista. A subcategoria **Experimental** manteve uma presença constante nos dois momentos de entrada desta categoria, pelo que se constitui como um elo estruturante de ligação. É ainda de referir que as subcategorias que apresentam ocorrências irrelevantes e com estruturas algo simples integram, curiosamente, a estruturação de ideias que transcendem os dados do texto.

A subcategoria **Desenho** descreve nesta rubrica de discurso com estruturação narrativa, a sua segunda entrada. A subcategoria **Fenómeno de representação**, presente em todos os momentos de entrada para esta subcategoria, bem como, a estrutura do que as crianças-participantes entendem por *desenho*. A teorização dos conceitos mencionados apresentam uma estrutura argumentativa perspicaz que relaciona fenómenos relatados no texto com uma transposição para um real, passível de ser vivenciado pelas crianças-participantes, ou seja, a possibilidade de ocorrência no real textual terá de ser sustentada e suportada na lógica das hipóteses narrativas. Também aqui se verificou que certas subcategorias com ocorrências irrelevantes e de estruturas algo simples, integram a teorização de conceitos que transcendem os dados do texto. A dinâmica de grupo deste momento revela um registo de

argumentações fortes acompanhadas de alguma inquietação motora, mudanças no registo de entoações (mais elevados) e de expressões algo “teatrais”.

A subcategoria **Retrato** apresenta o seu segundo momento de entrada, que se constituiu de uma proliferação de ideias associadas que determinou a constituição final da subcategoria **Qualidades do Retrato**. Posteriormente, no 2º momento, consolidou-se a organização crítica das ideias que foram fortemente associadas à partilha conjunta de entradas de grande intensidade emocional. Este acontecimento confirma a importância de a Filosofia com Crianças constituir uma comunidade de discussão empática, protectora e integradora de relações sociais. No que diz respeito à dinâmica de grupo este momento caracteriza-se pelo registo de comportamentos atentos mas agitados, emocionais e empáticos e de grande interiorização. Verificou-se, ainda, que os momentos assentes em intervenções com conteúdos mais íntimos e por isso, emocionais, foram alternados por discursos cruzados.

Num primeiro momento a subcategoria **Memórias** partilha o espaço de discussão com a subcategoria **Retrato**. Este primeiro momento caracteriza-se por inaugurar uma determinante mudança do discurso das crianças-participantes, mais concretamente, na estrutura da sua argumentação. As crianças-participantes através do ser discurso com estruturação narrativa, abandonam o apoio fornecido pelos dados do texto para apoiar as suas argumentações e passam a recorrer à fundamentação das argumentações com base em narrativas de natureza diversificada (pessoais, reais ou virtuais). Verifica-se ainda que, o nível de organização argumentativa aumentou, bem como uma participação mais diversificada e menos concentrada nos elementos-chave. É de salientar que, neste momento, a discussão passou a ter uma orientação-conjunta. No que diz respeito à dinâmica de grupo este momento caracteriza-se pelo registo de argumentações mais estruturadas, de cariz algo intimista mas ainda com a mesma agitação, com mudanças no registo de entoações (mais elevados) e com expressões algo “teatrais”.

DISCURSO ABSTRACTO

A subcategoria **Memórias** apresenta-se compacta e de entrada única, contudo, não tem uma natureza uniformizada. Se os primeiros momentos enquadram-se num discurso com estruturação narrativa, no seu desenvolvimento, a argumentação apresenta-se agora em discurso abstracto em que a narrativa que sustentava uma argumentação de cariz vivencial passa agora para um discurso organizacional das ideias pelas ideias. Agora a argumentação desenvolve-se em espiral ascendente sendo que, o nível anterior “impulsiona” e participa no nível seguinte. No que diz respeito à dinâmica de grupo, verifica-se uma alteração para comportamentos mais serenos bem como alteração do registo de entoações (mais calmo), com o cumprimento da inscrição da discussão através do “dedo no ar” e sem qualquer registo de discursos cruzados.

A subcategoria **Cartas de Amor** surge imediatamente a seguir à subcategoria **Memórias**, com algumas entradas aparentemente inseridas num discurso abstracto menos incisivo e sem que se verifique qualquer cruzamento entre

ambas. A Dinâmica de grupo apresenta intervenções algo agitadas com elevação do registo de entoações aquando das contra-argumentações e de alguns comportamentos instigadores por parte da INV.

Após um breve momento de passagem ou flutuante da **Discussão**, em que se registaram discursos cruzados, dá entrada o último momento da discussão com a subcategoria **Desenho**. Regista-se um certo desenvolvimento na entrada de discurso abstracto, sendo que a dinâmica de grupo verificou alguma agitação empática de resposta entusiástica às contra-argumentações e às intervenções mais instigadores da INV e da CONV2.

REGISTO DE CONTROLO

O necessário ajustamento do modelo de Lipman, a sua transferência para outro discurso, o associado à leitura e interpretação de obras de arte, obriga a que haja, desde o início do trabalho de campo uma preocupação mais incisiva que assegure a qualidade e rigor com que se procede.

Esta preocupação vai influenciar, igualmente, a regularização das da construção das teorias que articulam esta investigação, pelo que se procedeu à elaboração de um registo de controlo que deverá ter sempre em conta:

- A preparação das sessões e o desenvolvimento das próprias sessões;
- O espaço em que se desenrola o fenómeno;
- O registo do comportamento de todos os indivíduos envolvidos;
- A avaliação da construção de teorias enraizadas e do próprio processo de pesquisa.

ANÁLISE DA OBRA DE ARTE E ENQUADRAMENTO NO ESPAÇO

Sessão: 1ª Sessão - O Retrato

Título: Gil, José. (2005). «*Sem Título*»: *Escritos sobre Arte e Artistas*. Lisboa: Relógio D'Água, pág. 17.

Data: 9 Novembro de 2009

Local: Cooperativa de Ensino a Torre (Lisboa)

Horas: 14:00h às 15:20h

Critérios metodológicos	Relevância	Para critérios metodológicos optou-se por uma abordagem dedutiva dos fenómenos observados tendo estes sido fortemente conduzidos pela teoria e pela questão da investigação. Assim, e uma vez que se trata de um <i>estudo de caso</i> , o texto escolhido para iniciar estas sessões enquadra-se no âmbito da discussão estética e revelou-se de enorme pertinência na discussão efectuada pelas crianças-participantes.
	Enquadramento temático	As crianças-participantes não revelaram qualquer dificuldade em desenvolver a interpretação e contextualização o texto pelo que verificou-se, posteriormente, que elaboraram discursos de estruturação narrativa e abstracta.
	Referências anteriores	Sem referências
Leitura do texto	Características formais	Obedeceu ao protocolo da Filosofia com Crianças, contudo, verificaram-se algumas hesitações estruturais por parte da INV com as várias explicações referentes aos dados do texto.
	Interpretação do texto	A interpretação e contextualização do texto permitiram que se tivesse potenciado uma argumentação estruturada em <i>espiral ascendente</i> sendo que, o nível anterior <i>impulsiona</i> e participa no nível seguinte.
Espaço museológico	Localização	Não considerado
	Leitura	Não considerado
	Integração na exposição	Não considerado
<p>Obs:</p> <p>Minimizar as intervenções da INV (enquanto facilitadora) na contextualização dos dados a interpretar e contextualizar. Verificar o potencial das narrativas na construção argumentativa.</p>		

AVALIAÇÃO DA SESSÃO

Sessão: 1ª Sessão: O Retrato

Título: Gil, José. (2005). «*Sem Título*»: *Escritos sobre Arte e Artistas*. Lisboa: Relógio D'Água, pág. 17.

Data: 9 Novembro de 2009

Local: Cooperativa de Ensino a Torre

Horas: 14:00h às 15:20h

Participantes: IND 1; IND 2; IND 3; IND 4; IND 5; IND 6; IND 7; IND 8; CONV; INV.

(1) ENTRADA NO CAMPO		
Declarações	Individuais	Empáticas para o género feminino e alguns registos de alguma insolência para o género masculino
	Grupo	Momentos de alheamento aparente
	Professora	Não esteve presente neste momento da Discussão
	Investigadora	Frequentes enquadramento dos dados do texto; pouca intervenção para motivar a procura da causa, motivo ou razão
	Outros	
Comportamentos	Individuais	Inscrição na discussão através do “dedo no ar”; comportamentos algo ambivalentes (empáticos e de desafio)
	Grupo	Observação dos comportamentos da INV, momentos de alheamento aparente,
	Professora	Ausente no início da sessão
	Investigadora	Comportamentos associados à organização do equipamento e registo da sessão; participação na moderação
	Outros	Muitas interrupções exteriores (3)
Obs. Dar mais atenção ao registo da Agenda de Discussão pois, as entradas dispersas, dificultam a sua melhor estruturação.		

(2) DISCUSSÃO				
Texto	Tempo de leitura	(Não se verificou)		
	Comport. Físico	Momentos de alheamento aparente, contra-argumentações, registo de entoações várias, expressões algo “teatrais		
	Comport. Relacional	Registo de movimentação com parceiro mais parceiro mais próximo e que sustentava o alheamento aparente		
	Relevância	Texto	Muito relevante	
		Temáticas	Leque temático alargado e consistente	
Discussão		Registo de 3 momentos de passagem associados a entradas várias e com registo simultâneo de discursos cruzados; entradas associadas à contextualização dos dados fornecidos pelo texto; conteúdos de forte natureza narrativa; ideias ou conceitos abrangidos pela definição de Discurso abstracto.		
Investigação		Compreensão para a organização e dinâmica interna da Discussão .		
A. Discussão	Grau de participação	Médio com momentos de alheamento aparente		
	Relevância	Temática	Poucas questões mas pertinentes	
		Discussão	Bem estruturada de temáticas muito exploradas na Discussão	
Discussão	Dinâmica	Grupo	Momentos pontuais de envolvimento acesso proporcionado pela contra-argumentação	
		Indivíduos	Momentos de abordagens íntimas	
		Professor convidado	Abordagem empática, com algumas intervenções paralelas e de intervenção por vezes indutiva	
		Facilitador	Abordagem empática, com preocupação exagerada com a contextualização do texto, comportamentos instigadores e algo indutivos	
	Acções	Interrupções acidentais	Registaram-se 3 interrupções provenientes do exterior	
		Interrupções provocadas	Registo de algumas saídas à casa de banho sem pedido de autorização	
		Comportamentos físicos	Contidos ao espaço individual da secretaria e cadeira, algumas demonstrações no quadro	
	Argumentações	Narrativas	Frequentes e bem estruturadas	
		Argumentativas	Frequentes e bem estruturadas	
		Normativas	Apenas no início (intervenção do IND 6)	
		Estruturalistas	Apenas associadas à interpretação e contextualização dos dados do texto	
		Jocosas	Sem referência	

(3) OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE		
Comportamentos	Flexibilidade	Verificou-se
	Objectividade	Demasiada preocupação com a interpretação do texto nas intervenções da INV
	Empatia	Verificou-se
	Indução/Persuasão	Verificou-se moderadamente
	Integração no grupo	Boa integração no grupo, sem registos de estranheza
	Avaliação do grupo	Empático, boa disposição geral, mas com alguns registos de comportamentos aparentemente alheados, algo frequentes.
Moderação	Direcção formal (limitada à Agenda)	Não se verificou
	Condução temática (introduz outras questões)	Verificou-se em toda a discussão
	Orientação da dinâmica	Atenta às variações de comportamento, às solicitações de inscrição na discussão e de discussão cruzada
Preparação da sessão	Adequação do texto	O texto foi bem preparado e demonstrou-se a sua perfeita adequação ao perfil deste grupo
	Adequação ao grupo	Adequado a todos os elementos do grupo (mesmo aos que não participaram tão assiduamente)
	Adequação à discussão	Adequado à discussão
	Benefícios	Entrada de um novo texto no panorama da Filosofia com Crianças que aborde temáticas focadas na Estética
	Dificuldades encontradas	Não se verificaram
<p>Obs.</p> <p>Controlar aspectos da dinâmica de grupo no que diz respeito aos comportamentos que aparentam alheamento; controlar excesso de preocupação na interpretação do texto ser mais incisiva na dinamização dos comportamentos para que não se desenvolvam em demasia registos de alheamento.</p> <p>Verificar colocação da máquina para registo de vídeo (IND 3 não ficou registada em vídeo, só em áudio).</p>		

AValiação da construção de teorias enraizadas³

1	Os critérios foram gerados?	Estabeleceu-se a estruturação interna da dinâmica de Discussão e sua conceptualização.
2	Os conceitos estão sistematicamente relacionados?	Após primeira análise de dados foi necessário reestruturar metodologias e permitir que se adaptassem à natureza dos dados. Fizeram-se posteriormente mais 3 análises.
3	Há muitas ligações conceptuais e as categorias estão bem elaboradas? As categorias têm densidade conceptual?	As ligações conceptuais foram devidamente sustentadas e as categorias estão bem elaboradas com demasiada preocupação pela sua extensibilidade. Não se verifica em todas as categorias um grau de relevância estável, contudo, dada a sua natureza estruturada na <i>grounded theory</i> , considera-se viável a sua densidade conceptual.
4	Há muita variedade introduzida na teoria?	Não há muita variedade introduzida na teoria pois neste momento apenas se consegue revelar a mesma.
5	As condições mais amplas que afectam o fenómeno estudado são contempladas na explicação?	Tendo em conta que se efectuou apenas a análise de uma sessão as condições mais amplas que afectam o fenómeno estudado são contempladas na explicação encontram-se ainda algo limitadas.
6	O “processo” foi tido em linha de conta?	Sim e foi criado um modelo de Relatório para assegurar o rigor.
7	Os resultados teóricos parecem significativos? Em que medida? O que reflectem? ➤ “o ponto de vista do sujeito”; ➤ Descrição dos ambientes; ➤ Interesse na produção da ordem social ➤ Reconstituição das “estruturas de profundidade, geradoras da acção e do significado”?	Efectivamente Nos aspectos associados à novidades dos mesmos Análise conclusiva das dinâmicas de grupo presentes na discussão; Adaptabilidade aos ambientes e descrição dos mesmos através de <i>Notas de campo</i> Interesse no desenvolvimento de um protocolo coerente para a abordagem da Obra de Arte, a sua associação ao espaço museológico e a sua adaptabilidade ao conceito de comunidade de investigação

³ Critérios elaborados por Corbin e Strauss (Flick, 2005, pág. 237)

AValiação do processo de pesquisa⁴

1	<p>Como foi constituído o grupo original? Com que base (selecção de grupo)?</p>	<p>O grupo enquadra-se no conceito de grupo focalizado (amostra teórica) e, nesta sessão, foi constituído por 8 elementos (2 Femininos e 6 Masculinos)</p>
2	<p>Que categorias principais emergiram?</p>	<p>Agenda da discussão, Técnica da cerâmica, Primeiro a descobrir, Relevó, Pintar, Retrato, Desenho, Memórias, Cartas de amor</p>
3	<p>Quais foram os acontecimentos, incidentes, acções etc., que serviram de indicadores para aquelas categorias?</p>	<p>Densidade no registo de entradas com leitura de comportamentos, e categorização temática</p>
4	<p>Que categorias serviram de base ao prosseguimento da amostragem teórica, ou seja, como é que as formulações teóricas guiaram parte da colecta de dados? Depois de efectuada a amostragem teórica que representatividade provaram ter estas categorias?</p>	<p>Prática inscrita na Filosofia com Crianças desde os 3 anos de idade; adaptabilidade ao protocolo proposto, perfeita integração no panorama pedagógico-científico da Cooperativa de Ensino a Torre.</p>
5	<p>Quais foram as hipóteses centrais acerca das relações entre as categorias? Em que bases foram formuladas e testadas?</p>	<p>Como poderia uma Filosofia com Crianças possibilitar uma Estética com Crianças, de que modo o possibilitava. Formuladas e estudadas a partir dos pressupostos metodológicos da <i>grounded theory</i></p>
6	<p>Houve casos em que as hipóteses não se mantiveram, face ao realmente observado? Como foram explicadas as discrepâncias? Como foram efectuadas as hipóteses?</p>	<p>Não se verificou</p>
7	<p>Como e porquê foi escolhida a categoria nuclear? A selecção foi repentina ou gradual, fácil ou difícil? Em que bases foram tratadas as decisões da análise final? Como apareceram nessas decisões os critérios “vasto poder explicativo” e “relevância” em relação ao fenómeno estudado?</p>	<p>De acordo com a natureza do protocolo assumido pela Filosofia com Crianças e pela Discussão efectuada. A selecção foi de construção gradual, a decisão final da análise obrigou a uma verificação posterior da metodologia. A relevância da análise apresentada apresenta um espectro alargado e minucioso.</p>

⁴ Critérios elaborados por Corbin e Strauss (Flick, 2005, pág. 236)